

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1926

N. 151

Grupo mantenedor

A. Pamphiro, Mario Travassos, Jorge Duarte (Redactores) T. Araripe (Sub-secretario) Luiz Procopio (Thezoureiro), João Pereira (Revisão), Scheleider, Nito Val, Paes d'Andrade, Euríco Dutra, Orozimbo Pereira, Sílio Portella, Daltro Filho, Eloy Catão, Francisco Fonseca, C. C. de Abreu.

SUMMARIO

EDITORIAL:

**Deve-se reeducar
o espirito militar da Nação**

COLLABORAÇÃO:

A proposito da situação militar	Cap. J. B. Magalhães
A criação de habitos moraes pelo Exercito (trad.)	Cap. Benjamin Ribeiro
Notas á margem de exercícios tacticos	Cap. Mario Travassos
Educação	Major Agricola Bethlehem
A benção das espadas	1.º Ten. Rinaldo da Camara
Radio-telegraphia	Major Amaro Bittencourt
A questão ortographica	1.º Ten. Paulo B. Teixeira
Artilharia — Exercícios na Carta	Major Sílio Portella

DA REDACÇÃO

Sugestões — «O uso do uniforme» — Para frente! — «O oficialato de Reserva» — «Curso annexo á E. E. M.» — Commemorações de 24 de Maio e 11 de Junho — «O bonet unico» — «Citações e não elogios» — A falta de espaço — O thema de «A Defesa Nacional» — A educação physica Nacional. — A instrução physica militar. — Subsidios para os Quadros de Reserva. — Bibliographia. — Expediente.

REMINGTON PORTATIL

O seu uso é tão simples que está ao alcance de todos,
independente de instruções especiaes.



Vendida pela «UNICA ORGANIZAÇÃO ESPECIALIZADA DO RAMO NO BRASIL».



Para informações mais detalhadas
queira cortar o coupon abaixo e re-
mitter-nos.

S. A. CASA PRATT—Caixa 1025—Ric

NOME

RUA N.º

CIDADE EST.º

Guia do Commandante do Grupo de Combate

T. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel

Tratando de tudo o que compete saber ao seu
commandante para bem dirigir a sua pequena
unidade quer na paz quer na guerra.

Preço 5\$000

NOTA — A' venda na A Defesa Nacional
á rua da Quitanda, 74 - Rio

Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de
um sello de 500 rs. para a remessa.

BASTOS DIAS

Rua Sete de Setembro, 203

Secção de Artigos Photographicos

Apparelhos photographicos, objectivas e todos os pertences para a photographia.

Secção de Drogaria

Drogas em geral e productos chimicamente puros para analyses de Merck e Kalbaum

Secção de Gravura

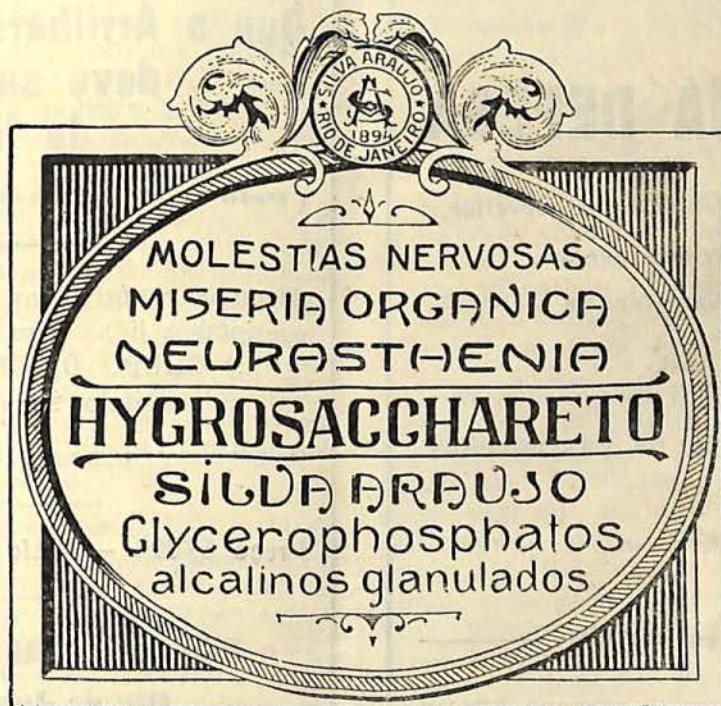
Apparelhos e todos os artigos para gravadores.

Agente Geral dos Snrs. A. W. Penrose & Cia.

Apparelhos e artigos em geral para gravadores

Representante de La Verrerie Scientifique - Paris

Apparelhos a vapor de Mercurio para todos os trabalhos.



Instrucção do Soldado

ontos principaes da instrucção da tropa)

Pelo Cap. DERMEVAL PEIXOTO

Estão á venda os primeiros fasciculos separata da 5.^a edição deste livrinho indispensavel aos candidatos á reservista do Exercito das *Sociedades de Tiro* e *Estabelecimentos* onde ha instrucção militar.

Completamente remodelado e em dia com os recentes regulamentos, abrange o programma completo da *Escola de Soldado* de accordo com os novos ensinamentos.

Como *livro para recrutas* encerra todos os ramos de sua instrucção, expostos methodicae e succinctamente de modo a poderem ser lidos e entendidos por elles proprios.

Fasciculos publicados:

- I — A Educação Moral do Soldado.
- II — A Instrucção Geral.
- III — A Instrucção Disciplinar e de Serviços
- IV — A Instrucção Physica e Treinamento de marcha.

Annexo — Organização do Exercito.

Fasciculos a seguir:

- V — A Escola do Soldado e do Grupo.
- VI — Armamento e Tiro.

A Papelaria Macedo - Rua Quitar da, 74 - Rio

Accita encommendas.

Preço de cada fasciculo . . . 1\$000
Os I, II, III e IV, reunidos . . . 5\$000

Collocação em vigilancia da bateria por meio do goniometro e da plancheta topographica

pelo

1.^o Ten. Fernando Fonseca de Araujo

A' venda em nossa Redacção

(Rua da Quitanda 74)

Preço: 5\$000. — Pelo Correio mais \$500

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente Coronel Beverina,

do Exercito Argentino,

a proposito da Campanha de 1851-1852

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Que a Artilharia deve saber da Infantaria ?

(Pelo 1.^o Ten. Mario Travassos)

Algumas conferencias sobre a carta,
escriptas e lidas para os officiaes do

1.^o GRUPO DE MONTANHA,
contendo 22 croquis.

(Uteis aos officiaes de todas as armas)

Preço 5\$000 — Pelo correio 5\$500

Livraria Briguiet

Rio de Janeiro

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1926

N. 151

EDITORIAL

Deve-se reeducar o espirito militar da Nação

O aspecto de carácter mais urgente da grandiosa obra da nossa definitiva restauração militar é o de se convençerem todos — militares e civis — da gravidade do nosso problema militar e ao mesmo tempo da importância que assume para a vida política e social da Nação a estabilidade e efficiencia de suas forças armadas.

Para se chegar a consegui-lo ha que se fazer verdadeiro, sincero, consciente esforço de reeducação da mentalidade dos militares, como da mentalidade militar dos civis. Sem que se tenham rompido alguns preconceitos que escravisam os pensamentos e as acções de todos, nada se concretizará dos elevados ideaes que, temos a certeza, inspiram a melhor parte da nossa gente.

Se ha uma transformação profunda a realizar-se em nosso meio social, outra não é que a reeducação do espirito do nosso povo. E essa reeducação não é mais que semejar ordem, disciplina e respeito á lei, e desvendar o Brasil a todos os seus filhos na grandeza de seus antepassados, nas immensas possibilidades actuaes do paiz, cuja projecção depende de nossa actividade methodica e intelligente. E' obra que exige tempo por

que requer diffusão atravez de todas as camadas sociaes e, por isso, continuidade, tenacidade; é apostolado porque é obra de fé no futuro e confiante resignação activa no presente.

*
* *

Nenhum outro apparelho tanto como o Exercito Nacional se apropria a representar o manancial de todas as energias reeducativas necessarias, a forjar os modelos a serem imitados pelos novos e respeitados pelos velhos.

Quando se diz que se deve afastar o Exercito da politica, o que se quer é assegurar-lhe a serenidade e a autoridade moral para o exercicio desta ex-celsa função. Embora saibamos da inconsciencia ou da falsidade da maior parte dos que lançam á circulação das ideias essa phrase já por demais estafada, naquelle sentido é que devem tomar-a os que dedicam o melhor de suas forças á grandeza do Exercito e da Patria.

Nada de pensar-se que o Exercito se deve crucificar no silencio de sua vida profissional e quedar-se indiferente á sorte administrativa e politica da so-

cidade brasileira. Seria, então, a maior deshonra vestir o uniforme de um tal Exercito.

Paiz novo como somos, o nosso Exercito pôde e deve continuar a intervir, como sempre, na vida da Nação. *Apenas, os methodos e processos é que pôdem e devem ser outros.*

Em tempos, que já longe vão, o official brasileiro não dispunha senão de sua espada, não podia senão intervir pela força nos destinos da nacionalidade. Foi com a espada, embora nem sempre jorrasse abundante o sangue patrício, que se fizeram todas as nossas conquistas sociaes, todos os lanços politicos da nacionalidade. Com a espada em punho em defesa de ideias os mais elevados perderam a vida chefes impollutos em movimentos que o destino quiz que fracassassem. Os vencedores d'aquellas jornadas são os glorificados da Historia, os vencidos destas ultimas jazem á sombra amena do respeito de todos nós.

Actualmente, porem, o official brasileiro dispõe da conscripção e da instituição do officialato de reserva, como dois poderosos meios de minar e destruir todas as deficiencias administrativas, todos os maus habitos politicos que infelicitam e até mesmo degradam a Nação. Basta esforçar-se por tornar realidade essas duas formidaveis armas — dar efficiencia á organisação do Exercito e á organisação militar da Nação — para que possa refundir, reeducar de modo completo e radical o espirito de nossa gente.

Alem disso, nos tempos actuaes, as acções pela força têm repercuções que as de outras epochas não podiam produzir. As relações internacionaes, o vulto das nossas transações commerciaes, o desenvolvimento economico e industrial do paiz, são de tal monta que se faz mais mal do que bem quando se parte a gume de espada um fio que seja d'essa complexa urdidura.

O official brasileiro deve ser o sacerdote sereno e convicto da resurreição nacional, fazendo da Caserna, do Exercito Nacional o templo onde todas as forças nacionaes venham tomar o banho lustral para novas e proveitosas actuações.

**

Dir-se-ia que tudo isso é puro e bello idealismo. Não o contestamos, em parte. Como exercer o papel que nos cabe sem uma dose forte de idealismo? Como reconstruir a mentalidade de uma corporação inteira para, por transfusão, reeducar a de todo um povo senão disposto de inesgotavel capacidade sonhadora? Como viver e trabalhar para o futuro, sem que se eleve o espirito acima das contingencias ambientes?

Apenas diríamos que esse idealismo repousa em base cuja solidez, depende muito mais de nós que de quem quer que seja. Evidentemente, sem que esteja montado o apparelho sem o qual nada se fará, tudo isso será, sómente, puro e bello idealismo. Mas, se de começo, fizermos notável esforço por nossa efficiencia militar, obteremos, em curto prazo, os meios para actuar, para traduzir em obras todo o idealismo de que nos tivermos imantado e — por que não dizer — e tanto mais quanto maior tenha sido a dose desse mesmo idealismo que nosso organismo militar tenha assimilado.

E, antes que terminemos, devemos convir, para que não sejamos injustos, que nem tudo está perdido.

Nos meios civis publicam-se livros, fazem-se conferencias, estabelecem-se cursos, tendo-se em vista dar á massa dos instruidos a consciencia do Brazil.

D'entre os homens publicos ainda hâdos que têm a honestidade administrativa como ponto de honra.

Nos proprios meios politicos, onde o professionalismo mais abastardou e acalcanhou a alma da Nação, contam-se ainda os que velam — *sem fazer politica com suas attitudes* — pela honra e grandeza nacionaes.

A mocidade academica, essa então, tem sua alma aberta a todas as ideias sadias, seu coração sempre prompto a tornar isochronos os seus movimentos com o ritmo das aspirações nacionaes. Ainda agora acaba de provar-o, respondendo com sua presença nas praças de exercícios ao appello que *um só official* lhe fez para que concorresse á formação dos nossos quadros de reserva.

Que faria, que resultados conseguiria a massa de nossos officiaes — cada um actuando segundo suas aptidões e ten-

dencias — se toda ella fizesse sua actividade gravitar em torno do mesmo pensamento de reeducar o espirito militar da Nação?

*

* *

E' certo que por toda parte encontrariamos pontos de apoio para operarmos o grande milagre de reeducar o espirito militar da Nação, ensinando-se, com a palavra e sobretudo com o exemplo, que as instituições armadas no Brasil teem, além de pesadas responsabilidades decorrentes do nosso complexo problema militar, um papel de todo preponderante na estabilidade politica da Nação; restabelecendo-se a confiança em nossos propositos e radicando-se na consciencia de todos a verdade de que, para termos o Exercito que devemos ter, é imprescindivel e inadiavel que todos sintam a defesa nacional como a hyper-synthese dos

problemas nacionaes, no dizer de um jornalista moço e cheio de fé.

Que todos saibam que é tão ultrajante, para nós, fazer e depôr situações politicas, como se capangas fossemos das facções disputantes, do mesmo modo que foi para o Exercito de 87 pegar escravos foragidos, fazendo de capitão do matto; que todos se convençam de que nossa missão deve pairar muito acima dos interesses e paixões politicas e que é mais honroso e mais bello reformar a Nação, sem nada destruir, pela catechese, pelo exemplo, pela transfusão emfim, de ideaes sãos, da pratica do dever nacional constante.

Tratemos de orientar o Exercito Nacional para os altos objectivos de sua finalidade politica, social e militar para que possamos elevar o Brasil á altura de seus incomparaveis designios.

Não malbaratemos mais a nossa actividade, as nossas possibilidades, o nosso immenso amôr ao Brasil.

«Sugestões»

Foi verdadeiramente animador o acolhimento que mereceu de nossos camaradas a novidade das «Sugestões», pelo menos a julgar-se pelo vulto que as mesmas tomaram no curto prazo que mediou entre a sahida do nosso ultimo numero e a data fixada para a apresentação das mesmas.

Essa é mais uma demonstração da vitalidade de nosso meio militar, cujas manifestações desejavamos vêr melhor coordenadas para que produzissem no Exercito e na Nação todos os beneficios de que são capazes.

Ao contrario, porém, do que intencionavamos, as «Sugestões» não aparecem em bloco, constituindo uma secção. Já mantemos em nossa Revista uma secção que de nenhum modo deve desaparecer (Subsidios para os Quadros de Reserva) e o espaço disponivel em um numero singelo não comportaria duas secções. Assim, as «Sugestões» sahirão esparsas pelo texto.

Todas as «Sugestões» publicadas cujos autores não desejem vêr seus nomes vir a lume serão encampadas pela Redacção. Neste caso o texto virá entre aspas para que se não confunda com as notas da Redacção. O mesmo se fará com os seus titulos no Summario.

Gratos.

O uso do uniforme

«Cada dia se fazem mais urgentes provisões que regulem definitivamente o uso do uniforme pelos atiradores, sejam elles dos Tiros ou das Academias.

Os abusos registados são de molde a não se poder mais tolerar-los.

Os jovens que tem o direito de usar o uniforme de atirador, fazem-no a seu modo, attendendo mais ás conveniencias pessoaes que á compostura militar.

Por toda a parte e a todas as horas se encontram rapazes fardados — nas repartições publicas, nos escriptorios e balcões commerciaes, nos logradouros publicos os mais diversos, mesmo nos mais escusos.

Com isso soffre o espirito militar dos portadores do uniforme e a disciplina, porque não se pode exigir delles ou applicar-lhes o que os regulamentos prescrevem.

Seria muito bom que se puzessem limites nesses attentados á dignidade dos nossos militares. Os estrangeiros e grande parte da população civil, diante um desses «soldados», não sabem do que se trata e hão de ficar fazendo um juizo muito triste das nossas coisas militares, a julgarem por esse seu aspecto comedinho, elementar — o uso do uniforme».

PARA FRENTES!

Com o presente numero retomamos a nossa publicação mensal. E' que as nossas previsões sobre os efeitos de determinadas medidas postas em prática se produziram de modo muito mais rápido que esperavamos.

Attingido esse objectivo visamos agora outro — continuar a construir a Biblioteca de «A Defesa Nacional», facilitando assim aos nossos assignantes a publicação de seus trabalhos em fascículos, reunidos depois em livro.

Este outro objectivo, infelizmente, parece estar muito mais afastado do que o que vimos de attingir.

A nossa Revista, na longa travessia desses annos de tormenta, teve que arcar com compromissos de muito superiores ás suas possibilidades, compromissos esses agravados pela decisão que tomamos, embora a contragosto, de eliminar do registo de assignantes todos os que se tinham esquecido *muitas vezes*, do dever elemtar de contribuir materialmente para a manutenção d'ella.

Se esses nossos camaradas viesssem a juntar-se com os novos assignantes cujo numero vai crescendo animadoramente; se novas perturbações não sobrevirem á nossa economia interna não se terminará o semestre que ora começamos sem que possamos dar á estampa o primeiro d'aquelles trabalhos que se apresente.

O melhor symptom do nosso novo surto está na carencia de espaço que se fez sentir já no presente numero. Chega-nos collaboração de todos os quadros e de todos os lados accadem as «Sugestões». A «Nota Importante» que publicamos logo após o Editorial do nosso ultimo numero duplo teve toda a projecção que lhe attribuimos.

**

E a imprensa diaria ecoou o apparecimento do nosso ultimo numero de modo verdadeiramente captivante: «A Patria» transcreveu nosso Editorial; «O Jornal», registou-o lisonjeiramente e «A Noite» deu o seguinte topico:

«Sob a orientação de um nucleo, brilhante, esclarecido e dedicado, de modernos espiritos — retomou a «Defesa Nacional» sua existencia util ao Exercito e á nação.

E' o labor, tenaz e afeiçoados, da joven oficialidade, a cujos ouvidos não chegam os rumores das discordias cá de fóra.

E' o trabalho da colmá, a vida silenciosa dos que, produzindo incessantemente, se contentam com a propria certeza de que estão a cumprir o dever de zelar pela defesa da patria.

Nesta ordem de idéas, o numero da prestigiosa publicação, que temos sobre a mesa, é uma affirmation notable de valores technicos e de consciencia brasileira».

O Director deste vespertino — o Dr. Diniz Junior — escrevendo a um dos nossos redactores, exprimiu-se assim:

«Faz muito mais de um decenio que, na intimidade d'aquelle official eminent (Genserico Vasconcellos) e de outros, como Souza Reis, tão grande que muito o havemos de chorar, que me habituei a desejar expandir, por todo este immenso paiz adormecido, os estímulos que o levassem a comprehendêr, de vez, os principios em que se fundam as organizações militares hodiernas.

Em duas palavras: fazel-o perceber que a defesa nacional é a resultante da connexão de todas as actividades uteis e creadoras.

Impunha-se-nos, entretanto, começar por integrar essa idéa no proprio sentimento dos homens de farda.

Um nucleo prestigioso sustentava-a debaixo da cupula do Estado-Maior.

Resistencia havia, porém, que emparedava a accão dessa brilhante élite.

Obra de preconceito.

Vigor de velhas e profundas raizes.

Este numero da «Defesa Nacional», em que, da 1^a á ultima pagina, o que se vê é como que a irradiação daquelles principios, enche de satisfação os que, tal qual eu, sózinhos, no mundo civil, propugnam, ha tanto, por essa obra de fortalecimento, cohesão e grandeza do Brasil.

Transmitta, pois, aos seus camaradas o testemunho do jubilo com que acolho, a orientação nova da grande publicação militar».

Mesmo no interior do paiz houve grata repercussão do nosso novo esforço.

«A Folha», diario que ha 26 annos se publica em Jundiahy sob a direcção dos senhores Tiburcio Siqueira e Francisco Siqueira, publicou uma nota sobre «A Defesa Nacional» da qual extrahimos o seguinte topico:

«Essa revista já entrou em seu 13.^o anno de existencia, sempre com a mesma prosperidade e acolhimento dos primeiros tempos de sua fundação. E' que esse orgam durante tão longa existencia, jamais se afastara do escópoo que ditou sua fundação: a preparação profissional e technica das nossas instituições armadas. Como o seu proprio nome o indica, e dado o caracter de generalidade da revista, nella podem ser ventillados todos os assumptos de interesses directo, com a defesa da patria, mesmo que o seja feito por civis, desde que objective tão somente os altos e sagrados interesses patrios».

**

Os actuaes Redactores se aproveitam desta oportunidade para agradecer a todos o concurso que prestam a «A Defesa Nacional».

Nesta casa não se veem pessoas, nem partidos, por isso que ha só uma entidade que é o Brasil e só interessa a defesa da integridade nacional que é o dever de todos os brasileiros.

A propósito da situação militar

Pelo Cap. J. B. Magalhães

II PARTE

Procurámos constatar em nosso artigo anterior a iniludivel necessidade de submettermos nossa conducta a um regimem de leis inexoraveis, tidas sempre por fixas e immutaveis. Logicamente, verifica-se como predominante a lei geral de subordinação, a mais universal de todas as leis e condicção fundamental da ordem e portanto primeira condicção de progresso.

Desse regimem, colhe-se imediatamente um resultado: a formação de uma mentalidade, bem definida, uniforme, positiva, porque é construida sobre bases positivas. Realisa-se, assim, um equilibrio, que permite formar a previsão. Fóra desse regimem, gera-se um estado de revolta, latente ou não, do qual resulta uma anarchia mais ou menos activa, sempre regressiva ou no minimo perturbadora.

Sem subordinação, a disciplina é impossivel, donde impossibilidade consequente de coordenar esforços.

**

A constatação perenne de um estado de subordinação é a suprema expressão da perfeição. A elle só pode attingir o homem culto que possua em si eminentes qualidades de intelligencia, de coração e de carácter.

Nós outros — a quasi universalidade — faremos muito, e bastante, revelando em nossos pensamentos e actos uma tendencia crescente e continua em traçarmos nossa conducta subordinada a leis. E' o sufficiente para os nossos recursos mediocres.

Assim, contribuiremos de facto para o progresso da collectividade e asseguraremos o individual.

Revelamos, por outro lado, por esse simples facto, a posse de uma mentalidade que permite fazer interpretações logicas e coherentes dos phenomenos.

« Mais notre imprevoyance nos aveugle sur ce que nous avons de mieux à faire ».

Mas para que o individuo chegue assim a integralizar-se na civilisação, tornando-se convergente com os outros membros da sociedade, é-lhe indispensavel instruir-se para conhecer as leis, educar-se para lhes obedecer voluntariamente, sem resistencias nem atritos.

Para isso possue dois recursos: a influencia dominante de um ambiente social favoravel, de cultura elevada; ou a ação systematica de mestres (vivos) com aproveitamento das auto reacções. Só individuos excepcionais poderão dispensar os mestres, instruindo-se sós e educando-se exclusivamente pelas auto-reacções. Estes possuirão intelligencia e vontade de elite.

A cultura systematica sob a direcção de mestres é propria a todos, e não despende as auto reacções, que hão de ser tanto mais intensas, quanto mais elevado fôr o grao de desenvolvimento. De qualquer modo, a influencia de um mestre é sempre util porque, no minimo, exerce uma ação acceleradora sensivel, tanto mais sensivel quanto mais desenvolvidos forem os recursos naturais do individuo.

**

No que diz respeito ás necessidades da guerra é evidente a nossa insuficiencia geral. Tudo nos falta: desde o soldado até o armamento; desde o official de reserva até os generais; desde a infantaria até a aviação.

Mas, falta-nos sobre tudo o conhecimento das leis que regem o phenomeno da guerra em todos os seus aspectos, desde a preparação até a execução. E, coisa curiosa, conhecemos já melhor os misteres da execução que as da preparação.

Assim, falta-nos a base principal sobre que assentar qualquer construcção: uma mentalidade apropriada.

Não se pode, portanto, estranhar a indifferença da nação pelas necessidades primaciais de sua defesa.

A ausencia real da mentalidade propria a uma organisação efficiente da defesa nacional, revela-se, não nos nossos pensamentos e discursos, mas em nossos actos. E são os actos que definem a assimilação real de uma doutrina e a existencia de uma mentalidade. As palavras não têm valor pratico quando não n'as coadjuva a acção.

Falta-nos continuidade na acção, marcamos passo, retrocedemos e oscillamos constantemente em torno de questões eternamente debatidas. A preocupação dos detalhes que a realização pratica das medidas julgadas necessarias impõe, faz-nos perder a concepção geral dominante e perturbar a ordem de urgencia que a execução deve prever. A predominancia das situações individuais, faz esquecer inteiramente até os proprios deveres dos individuos para com o todo. E' um exemplo frisante, caracteristico e lastimavel a dificuldade em fazer funcionar certos cursos de instrucção para os officiais, que lutam com resistencias inexplicaveis. Essas dificuldades, e quiçá impossibilidades, accusam a existencia de principios e habitos absurdos, tais como: — a nação deve pagar e sustentar technicos, mesmo que estes sejam incapazes de manejar a sua technica; uma hierarchia em que os mais altos postos não indicam os mais completos conhecimentos, a maior capacidade geral.

Tudo isto traduz uma mentalidade anarchica ou mesmo a ausencia de qualquer mentalidade que não seja infantil.

Não pode haver, portanto, um ambiente social favoravel, a ponto de assegurar por si só a formação adeantada dos individuos e sem o qual é difficil ter um progresso estavel.

E' indispensavel formal-o e este deve ser o primeiro, o mais urgente trabalho.

Ora, a sociedade é formada por individuos mas é dominada e dirigida por algum delles, em regra os mais eminentes, os mais esclarecidos, os mais sagazes, os mais energicos, os mais tenazes e um pouco mais raramente, os mais sinceros.

Si estes possuirem uma mentalidade definida e uniforme a sociedade em bloco, tomará a mesma mentalidade.

Desde então estará preparada para desenvolver-se acceleradamente, sem opressões nem violencias, porque todos

comprehenderão as necessidades e se submeterão ás leis.

Este phomeno, porem, só será perceptivel quando os individuos eminentes forem em numero bastante para poderem dominar as sophismas dos egoistas, dos falsos talentos, dos interesseiros etc. que formam camada espessa, de apparença (apenas apparença) impenetravel entre a nação, as instituições e as suas verdadeiras conveniencias.

No nosso estado actual, trata-se primeiro, então, de achar os individuos capazes de produzirem a reacção, despertalos, esclarecelos e congregalos.

**

Esse, faz-se, de certo o principal de ver dos que comprehendem já estas necessidades fundamentais e devem agir conforme todos os meios ao seu alcance. E devem ter em vista que, si uma boa preparação technica é necessaria e util, não é sufficiente, porque não é o problema só de instrucção e, sim, soberanamente, de educação. A prova é simples: muitos officiais, já instruidos pela M.M.F., não adquiriram uma modificação sensivel nos seus habitos e aspirações e ficam distraidos em situações que lhes oferecem mais vantagens materiais, embora inteiramente inuteis ao problema da nossa guerra. Nessas condicções, vemos que as responsabilidades morais são tanto mais accrescidas quanto mais vastos são os recursos intellectuais dos individuos, mais elevada sua situação hierarchica, e mais amplas, em summa, suas capacidade e esphera de acção. E isto porque as bases mentais sobre que se hão de construir os edificios magestosos proprios ao estado actual de nossa cultura civilizada, terão que ser a pouco e pouco constituidas por uma propaganda intelligente, e que só por elles pode ser feito, activa e energica dos principios que se vêm verificando atravez dos seculos como dominantes da situação material e moral dos homens, e em consequencia dos habitos que a obediencia a elles impõe.

**

Pelo exposto até aqui, e pelo que segue, vemos que deixam de ser razoaveis as justificativas apresentadas para o estado actual de insufficiencia geral das

forças armadas e que tudo atribuem á propria incultura da nação. O argumento principal é que o Exercito e a Armada são partes integrantes da nação e por ella constituidos com todos os seus vicios e defeitos.

Ora, temos ahi uma verdade, mas incompleta.

E' o Exercito uma parte da nação e della toma necessariamente as características, mas submettido a condicções especiais de existencia, dispondo de meios proprios e exclusivos, deve ser considerado a parte.

O Exercito definha, diz-se, porque a nação não possue mentalidade propria ao desenvolvimento de suas instituições guerreiras. E' verdade, sem duvida; elle, porém, que sente directamente o phenomeno tem o dever de reagir e esclarecel-a.

Essa reacção deve manifestar-se por processos e meios apropriados e proporcionais ás necessidades. Não bastam discursos, nem leis que se não cumprem, nem mesmo uma conducta particular impeccavel, é indispensavel não só actuar com firmeza em todas as relações com os elementos dirigentes do mundo civil, como impôr-se moralmente por um valor profissional indiscutivel e dando impressões reais de que tem em si realizado tudo que de si depende: cultura e disciplina.

Não é precisamente isso que se passa. O Exercito, não só deixa de reagir contra a sua dissolução como a auxilia despenhando-se pelo abyssmo insondavel das competições pessoais, na disputa de vantagens e permitindo e aplaudindo até que muitos de seus membros façam vida civil sem deixar a vaga, nem os soldos.

Intermuros mesmo, nas promoções e outras designações para certas commisões ou cargos não se tem em vista o interesse nacional presente ou futuro, antes prevalecem as sympathias e amisades pessoais. Cria-se assim n'elle uma classe de « profiteurs »; nada fica que de facto convenha aos interesses da defeza nacional.

E todo este estado de coisas diz-se, é mera consequencia da situação moral da nação em geral.

Para nós, porém, é como dissemos uma verdade incompleta, e um argumento tão commodista como egoista.

Toda educação e instrucção do militar visa a acção na guerra que é um

estado de crise e que se desenvolve de crise em crise, portanto é num momento como o actual que as militares encontram campo vasto a applicação das qualidades individuais que devem ter. O aspecto geral não revela, porém, que as qualidades proprias a luta tenham tido grande desenvolvimento, porque entre o desanimo e a sofreguidão de melhorar a situação material individual, se debate a grande maioria.

Temos ahi claramente denunciado que o factor principal da situação actual não está, pois, na incultura e desmoralisação da nação e, sim, tem residencia nas proprias classes armadas.

Denuncia-se nella com seus erros internos, cuja correcção não depende senão do cumprimento do dever por toda hierarchia militar, com sua incultura e consequentemente uma mentalidade retardada, por vezes infantil, sempre perturbadora.

A defeza nacional não pode ser organizada sem o concurso da nação, mas a cultura do Exercito pode ser levada a grao bastante elevado sem ella. Suas escolas de officiais podem ter frequencia normal e obrigatoria; sua disciplina pode ser rigorosa, intelligente e justa; seus deveres internos cumpridos ao maximo, unicamente e exclusivamente com recursos que possuimos e dentro dos escassos orçamentos. Enquanto, porém, não puder o Exercito corrigir-se de defeitos que independem do maior ou menor patriotismo e de cultura apropriada dos elementos civis influentes, não terá força moral bastante para fazer ouvir e prevalecer os seus reclamos.

Elle terá antes de tudo de criar uma mentalidade normal e revelal-a por actos correntes de sua vida corrente.

Para chegar até lá cabe a todos que comprehendem a necessidade, qualquer que seja a sua situação hierarchica, contribuir pelos meios a seu alcance, pensamentos e actos, para:

— a formação de uma mentalidade militar, guerreira, unica, revelada nos hábitos e costumes e aspirações;

— a formação de uma hierarchia de facto, onde cada grao revele uma situação de cultura intellectual, de carácter, de civismo, de moral.

Tudo isto, porém, se funda no conhecimento das leis gerais, fixas e imutaveis.

(Continua).

A criação de hábitos morais pelo exército

Trad. do Cap. Benjamin Ribeiro

Em seus discursos quasi todos os chefes de Estado falam do desarmamento, mas, ao mesmo tempo, aumentam os seus orçamentos de guerra, porque sabem muito bem que a única probabilidade de paz reside na potência militar dos exercitos. Hoje, mais do que nunca, para viver é preciso ser forte. Os armamentos são financeiramente desastrosos, porque obrigam povos meio arruinados a empobrecer ainda mais; mas o exemplo da Alemanha é suficiente, para mostrar o que custa em nossos dias uma derrota. A necessidade de conservar em armas tropas dispendiosas parece tanto mais honroso quanto um exército representa um utensílio raramente empregado. Somos, então, conduzidos a propor a seguinte questão: — Este utensílio, tão custoso, não poderia ser utilizado a não ser para guerra? Ora, é fácil demonstrar que fóra do seu fim guerreiro a educação militar poderá prestar ao povo os mais assinalados serviços.

Lembra-me haver lido a afirmação do celebre químico Ostwald de que a supremacia industrial dos Germanos provinha de que só ellos possuíam o segredo da organização. Esta superioridade, cuja origem o próprio Ostwald não a comprehendia bem, resulta muito menos das qualidades intellectuaes, adqueridas na Universidade, que de certas qualidades de carácter, tais como: — Ordem, disciplina, pontualidade, solidariedade, sentimento do dever, etc.... que a Universidade não ensina.

Nota do tradutor — Como me parece que se enquadram, perfeitamente ás nossas condições de povo inteligente mas um tanto indisciplinado, de educação moral deficiente e com brechas graves na formação do carácter, naturalmente devido a esta amalgama étnica de que nos estamos constituindo, julguei poder ser útil, aos meus patrícios, traduzindo este bello capítulo de uma das grandes obras de Gustavo Lebon, para que elle seja conhecido e meditado por todos aquelles que precisam ficar convencidos, como eu, de que sómente pelo Exército, com uma incorporação anual de 40 a 50 mil conscriptos, conseguiremos disciplinar e moralizar, dentro de pouco tempo, uma boa parte da nossa sociedade civil, dotando-a das qualidades de carácter indispensável aos grandes compromissos, nos diversos ramos da actividade nacional, notadamente no científico e industrial, que

O Ministro Helfferich tinha visão mais justa das causas da superioridade dos seus compatriotas, quando declarava o fim da passagem forçada de todos os jovens alemães pela CASERNA, onde adqueriam as qualidades de carácter indispensáveis á nova evolução científica e industrial do mundo. Inutil é objectar que os americanos, outr'ora sem exército, attingiram, todavia, uma grande prosperidade industrial. Suas qualidades de ordem, de solidariedade, de pontualidade e de disciplina, eram devidas, como as dos ingleses, á prática dos esportes em que a disciplina se impõe tão rigorosamente como na caserna.

Como pôde o regimem militar inculcar tâes qualidades? Aqui nos encontramos em presença de um formidavel problema de moral que merece se lhe chame a pedra de toque de todos os philosophos: (Pode-se julgar do passo seguinte, do eminente philosopho, Beutreaux, a que ponto são confusas as idéas sobre moral dos nossos mais illustres universitarios. Atravez de sua extrema variedade todos os sistemas de moral tem consistido em tomar por principio uma certa noção do bem como objecto definitivo proposto á nossa actividade, e em procurar, em seguida, em um livre consentimento da intelligencia, do coração e da vontade, o impulso da acção dirigida para esse fim).

Este problema é, na essencia, assaz simples, ainda que homens como Kant tenham-lhe desconhecido completamente os elementos. Para o illustre philosopho

são os factores maximos do progresso de um povo. Para isso é necessário, entretanto, que consideremos a disciplina como uma necessidade de ordem indispensável e a respeitemos com verdadeiro culto, praticando-a com bondade e amor, para assim podermos bem cumprir a nobilitante missão que temos de desempenhar como instructores e educadores: — instructores, ensinando ás novas gerações de conscriptos a manobrar como soldados para defender a nossa querida pátria em uma emergencia qualquer; educadores, educando-as, instruindo-as, disciplinando-as e moralizando-as pelo exemplo de um procedimento irreprehensivel, para que regresando ao seio da sociedade civil d'onde vieram levem consigo esse valioso cabedal que nem mesmo as diversas vicissitudes da vida poderão siquer modifical-o.

não existia moral possível sem sancção, isto é, sem recompensa e sem castigo. O crime tornando-se, muitas vezes, impune aqui na terra, e a virtude sem recompensa, Kant deduziu a necessidade de uma vida futura e a de um Deus remunerador. Moral desprovida de sancção, seria, pois, segundo Kant, impossível. Estas concepções tornaram-se clássicas em o nosso ensino, não obstante o eminentíssimo filósofo Bergson, ter sido, durante muito tempo, talvez o único, com o autor desta obra, a rejeitar-as completamente. Si elle as repelia éra em virtude de razões um pouco diferentes d'aquellas que expuz em outro livro e do qual eis aqui a substância: — Kant, como todos os filósofos racionalistas, acreditava que o homem era guiado na vida por sua inteligência, enquanto que elle o é, na realidade, sobre tudo, pelos sentimentos de que deriva o seu carácter. De facto, não é absolutamente o temor do castigo e a esperança de recompensa que fazem respeitar o dever moral. Este respeito não se encontra constituído senão depois de tornar-se um hábito. O homem obedece, então, a certas regras de proceder sem as discutir. E' neste momento preciso que a moral está formada.

A moral puramente racional dos professores, na qual cada acto exigisse uma deliberação intelectual, formaria uma pobre moral. O homem não tendo outra norma de procedimento inspiraria pouca confiança. O erro de Kant, deriva-se de que, ignorando a força de um inconsciente convenientemente educado, não podia supor o assaz forte para substituir as sancções presentes e futuras. Estas sancções pareciam-lhe pois, indispensáveis.

Como crear esta moral inconsciente, único guia seguro do proceder? Como, em outros termos, transformar em hábitos a observação de leis morais sem as quais uma sociedade cai depressa na anarchia?... Um só método permite obter este resultado: — REPETIR MUITAS VEZES O ACTO QUE DEVE TORNAR-SE HABITO. Este acto representa, a princípio, um embaraço, o alumno não chega a praticá-lo senão por constrangimento isto é, sob a influência de uma disciplina rígida. Uma tal disciplina sendo difícil na família e na escola, muitos homens não têm outra moral que a do grupo social a que pertencem, fóra do

temor, assaz fraco, que hoje inspira a polícia.

Esta disciplina rígida, mas necessária para crear uma moralidade inconsciente, se obtém, ao contrário, facilmente, no Exército, porque só elle possue os meios de constrangimento aos quais não se lhes resiste.

Seu rigor não é, todavia, penoso senão no começo, porque á disciplina externa, imposta, se substitue, muito cedo, a disciplina interna espontânea, constituindo o hábito. O homem assim formado é comparável ao ciclista que percorre sem esforço os caminhos mais difíceis ao passo que no começo não o fez sem grande dificuldade.

Os povos que tenham adquirido uma disciplina, interna, constituindo uma moral estabilizada, são, só por este facto, muito superiores aos que não a possuem. A criação de hábitos morais, por meio da disciplina militar, repousa sobre o princípio psicológico, muito seguro, das associações por contiguidade, e pode-se formulá-lo da maneira seguinte: — LOGO QUE IMPRESSÕES SÃO PRODUZIDAS, SIMULTANEAMENTE, OU SE TEM SUCCEDIDO IMMEDIATAMENTE, É SUFFICIENTE QUE UMA D'ELLAS SE APRESENTE AO ESPIRITO PARA QUE AS OUTRAS SEJAM INVOCADAS IMMEDIATAMENTE. A associação por contiguidade é necessária para criar o hábito. Bem estabelecido, este hábito torna inútil a representação mental da associação.

Para melhor fazer comprehendêr a força da educação inconsciente e mostrar como pode sobreviver ao consciente, desagregado por uma causa qualquer, recordarei um caso bem completo, observado outr'ora pelo illustre general Maud' Huy o qual jamás perdeu uma occasião de me fazer sentir que se considera um dos meus dedicados discípulos. O então commandante via, certo dia, entrar em seu gabinete um sargento de serviço, que lhe foi comunicar, muito sobresaltado, que um soldado turbulento fazia desordens em seu alojamento, quebrando tudo e ameaçando com sua baioneta o primeiro que d'elle se aproximasse. Que fazer? Theoricamente parecia muito simples: — lançar vários homens sobre o furioso para dominá-lo, porém isto seria expolos a serem mortos ou feridos. A psychologia

não forneceria meio mais subtil? O futuro general depressa o encontrou. Lembrando-se que a educação inconsciente sobrevive ás perturbações do meio consciente, dirigio-se para o alojamento onde gesticulava o ébrio, abrio rapidamente a porta e com voz de estentor commandou: — SENTIDO! SUSPENDER ARMA! DESCANÇAR ARMA! DESCANÇAR! As ordens foram immediata e automaticamente executadas, tornando-se facil desarmar o soldado, cuja alma consciente tinha sido perturbada pela embriaguez, mas cujo habito inconsciente não tinha sido ainda attingido.

Para terminar com o principio fecundo das associações por contiguidade farei notar que elle serve de base a todas as formas possiveis da educação, quer entre os animaes quer entre os homens, tanto que os explicadores mais subtils não se servem de outros. Este mesmo principio contem a solução de problemas de aspecto insolvel, por exemplo: — Impedir um Brochet (especie de peixe muito voraz como a nossa Piranha) de comer os peixinhos com elle encerrados no mesmo aquario. Esta experencia é muito conhecida para que seja util recordala miudamente.

A criação de habitos moráes por via de associação se encontra facilitada, graças á applicação desta outra lei psychologica: — IMPRESSÕES FRACAS POR MAIS REPETIDAS QUE SEJAM, NÃO TEM, JAMAIS, A POTENCIA DE IMPRESSÕES POUCO REPETIDAS MAS MUITO FORTES. E' em virtude deste principio, que tive outr'ora occasião de applicar ao adestramento de cavallos pouco intelligentes, que o castigo de uma violação da disciplina, pode ser raro se for severo. E' por essa razão ainda que, no grande collegio de Eton, frequentado pelos filhos da alta aristocracia ingleza, o superior açoita, elle proprio, em publico, o alumno que profere uma mentira. Esta pena humilhante tem como resultado inspirar aos jovens um horror tão intenso á mentira que, raramente, ella tem necessidade de ser applicada.

A immensa superioridade da disciplina militar sobre a da escola e, sobre tudo a da familia, é, repito, porque não se resiste á primeira enquanto que a disciplina escolar ou a familiar não se com-

põem senão de admoestações sem força e conselhos sem prestígio.

A criação de habitos militares e moráes demanda um certo tempo e a sua duração tem sido muito discutida algures pelos partidarios do serviço militar reduzido a alguns mezes. A questão se tem apresentado a diversos paizes, notadamente á Belgica, cujo Rei Alberto, demonstrou, a este proposito, conhecimentos psychologicos que me tinham já impressionado no decorrer de uma conversão que tive com elle. Com o fim de obter o prolongamento do serviço militar de dez para quatorze mezes dizia elle: — Diminuir a duração do tempo do serviço militar a menos de um certo limite é cair no sistema das milicias. Ora, a experencia prova que as milicias jamais se mantiveram deante de uma força regular e bem treinada. Acredita-se, entretanto, encontrar um correctivo em um potente armamento, mas uma tropa sem disciplina e sem cohesão não saberá defender este armamento.

O leitor entrevê agora, penso eu, a utilidade do regimem militar sobre a formação do caracter e da moral de um povo. O official pôde e deve tornar-se o verdadeiro educador da mocidade chamada hoje a passar pela caserna e temendo, ás vezes sem razão, perder o seu tempo. Ensinar o soldado a manobrar não deve ser mais do que uma parte do trabalho dos chefes. O habito de manejár os homens transformou muitos officiaes em verdadeiros psychologos alguns d'elles, pouco numerosos ainda, tinham comprehendido de ha muito tempo esta face do seu papel. E' assim que, por exemplo, ha alguns annos, o General Gaucher, então chefe do estado maior, publicou uma série de conferencias sobre: — A PSYCHOLOGIA DA TROPA E DO COMMANDO. — em que se encontravam reproduzidos varios capítulos das minhas obras.

No que concerne, notadamente, á educação moral, o autor mostrou muito bem as diferenças dos modos de criação da moralidade individual e da moralidade collectiva. Sem duvida um chefe poderá suscitar em sua tropa qualidades elevadas: — abnegação, devotamento, desinteresse, sacrificio da vida etc....; mas esta moralidade transitória não sobrevive á influencia do chefe que a criou, enquanto

que persiste a moralidade individual, transformada em habito, segundo os principios que acabo de expôr. Logo que o caracter esteja educado, assim como a intelligencia, o homem possue um capital mental muito superior aos capitáes materiaes. Os acontecimentos podem, com effeito, destruir estes ultimos mas nem sequer offendem o primeiro.

Todos os povos modernos, os latinos, sobre tudo, têm necessidade de uma educação moral, que os dote de um capital

mental solido; sómente o Exercito, repto, poderá fazel-os adqueril-a. Nossa futuro dependerá, pois, da educação moral recebida pela nova geração. Intelligencia todo mundo possue em França e é por isso que a mocidade se carrega tão facilmente de diplomas. Infelizmente as qualidades do caracter não são desenvolvidas no mesmo grau. Ora, na phase da evolução em que o mundo se encontra, hoje, é a posse dessas qualidades que determinará o futuro dos povos.

O officialato de reserva

«A propaganda do Serviço Militar se fez tão intensivamente, que todas as complexas necessidades do nosso Exercito em reservas ficaram reduzidas, no espirito publico, ao dever da prestação do serviço nas fileiras.

Mesmo os cidadãos mais esclarecidos não se apercebem ainda de que o imposto de sangue deve abranger limites muito mais vastos.

Ainda por occasião da mobilisação realizada para a grande parada commemorativa do Centenario da Independencia pôude-se apreciar até onde se verifica esse prejuizo.

Quem quer que, estando arregimentado, tenha sentido o constrangimento de certos patrícios sujeitos á revisão do manejo d'arma e das evoluções por um simples cabo d'esquadra poderá testemunhal-o.

Contaram-nos que certo engenheiro, um dos chefes de importante Companhia Construtora desta Capital, jamais se conformara com a situação em que o collocou a citada mobilização.

Nem era para menos. Mas a culpa não estava na organização do serviço. A causa do real e justo constrangimento se encontrava na categoria militar e civil do mobilizado.

Como se pôde comprehender um cidadão engenheiro, e da direcção de importante empresa, apenas reservista?

E' que esse illustre e operoso patrício pensava já ter cumprido sufficientemente seu dever militar conquistando a caderneta de reservista. Nunca lhe haviam mostrado o absurdo de, um cidadão como elle, immolar-se á Pátria com um simples fuzil nas mãos.

Na propaganda que agora se inicia para a formação intensiva dos quadros de reserva, é um dos aspectos da questão que deve merecer especial attenção.

O officialato de reserva cumpre a todos os cidadãos que sintam capacidade para pres-
tar o serviço militar, que a Nação exige de seus filhos, nos diversos escalões de commando. Para muitos não basta ser reservista soldado — é o seu dever fazer-se official de reserva».

Curso annexo á E. E. M.

«Sómente os que se impõem a tarefa de se preparar para o Concurso de admissão á E. E. M. sabem quanto custa o esforço dessa preparação.

O nosso meio ainda não comporta o commettimento. Os programmas de instrução dos quadros não satisfazem ás necessidades, não só por visarem objectivos particulares da instrução das unidades cuja actividade regem, como por não terem regularidade na sua execução.

Dessarte ficam os candidatos entregues a si mesmos, luctando com dificuldades formidáveis, em seu proprio prejuizo e, no fim das contas, em prejuizo do recrutamento de alumnos para a E. E. M.

São inegaveis as vantagens que ha em restabelecer-se completamente o processo normal de recrutamento para a E. E. M. — o concurso. Dahi o interesse inadiável de facilitar aos candidatos, pelo menos a sua preparação tactica.

Nesse sentido lembrovamos, «data venia», a criação de um «Curso Annexo á E. E. M.», estabelecido com o fim de orientar a preparação dos candidatos ao concurso. Esse curso funcionaria na propria E. E. M., mediante programma especial organizado e ministrado por seus proprios instructores e funcionaria durante os quatro meses anteriores á época do Concurso».

Notas á margem de exercícios táticos

Primeira serie

(Sobre o sentido tático do terreno)

pelo Cap. Mario Travassos

I — De que se trata?

Antes que inciemos a longa jornada desta primeira serie de artigos, torna-se necessaria prévia explicação, quer sobre os motivos que a inspiraram quer sobre os objectivos que a mesma tem em vista.

Desde que frisada essa necessidade, muito facil será responder á classica pergunta em face da argumentação que se seguirá, em torno de algumas constatações que fizemos no decorrer de alguns annos de exercícios táticos. Se não, vejamol-o.

*

* * *

E' grande a confusão reinante nas designações topographicas.

Com efeito, ainda não usamos linguagem uniforme quando discorremos sobre determinado trecho topographic. A unidade de doutrina que temos conseguido, á força de resolver casos concretos, como que, com isso, esbarra em mais um entrave á sua total generalisação.

Se essa falta de homogeneidade nas designações topographicas não produz prejuizos de monta quando usada nos *escalões superiores de comando*, apresenta, entretanto, certa gravidade se se pensa nos *executantes* e, principalmente se se consideram as *pequenas unidades* em que a preparação tática dos graduados e sargentos é rudimentar demais para suportal-a.

E' indiscutivel a urgencia de estabelecer-se uma sorte de *nomenclatura* dos accidentes e fórmas topographicas que, por sua correlação com os phenomenos táticos, possa traduzir *entendimento seguro e definitivo* entre todos — os que dirigem e os que executam — seja qual fôr o escalão de comando considerado.

Em geral, suppõe-se que basta conhecer as convenções topographicas e as regras de leitura de cartas para que se possa estimar ou exprimir o valôr de determinado trecho de carta.

Nada mais erroneo, tanto como admitir-se que baste conhecer as letras do alphabeto e as regras de phonologia para que se entenda uma pagina que se leia.

Evidentemente, o conhecimento das convenções e das regras de leitura de cartas é *fundamental*, mas não é tudo.

O terreno tem seu facies agricola, suas características poeticas, seu valôr industrial, como tambem seu *sentido tático*. Mas, para suprehendel-o em toda sua potencialidade, em cada um desses casos, é necessário que se o veja ou com olhos de agronomo, ou de poeta, ou de industrial, ou de tático.

Dahi resaltar a conveniencia de admitir-se a leitura de cartas *como um meio* para estimar-se o *sentido tático do terreno* — para criar-se uma especie de *senso tático-topographic*, se é possível dizer-se.

Por um lado, é preciso dar-se *elasticidade ás regras de leitura de cartas*. Tudo que se refere á tactica deve ser como a propria tactica, isto é, flexivel, baseado em principios mas eminentemente adaptavel a casos particulares.

Por outro, é indispensavel levar-se sempre em conta a *finalidade tática* da leitura que se faça — as *qualidades táticas do terreno* em face da questão vertente. Só assim, poder-se-ha fixar, convenientemente, as *linhas geraes da analyse* a sujeitar-se o terreno em cada caso, bem como as da *synthese* que sua recomposição exige em seguida.

O estudo do terreno, como um dos tres factores da decisão tactica ainda não está sufficientemente delineado.

Devemos convir que dentre esses factores, que são a *missão*, o *inimigo* e o *terreno*, este ultimo cresce de importância á proporção que se baixa de escalão ou que diminua a distância a que se está do inimigo, ao ponto de, no limite extremo d'esses dois termos, tornar-se factor predominante.

De modo geral, se para o cmt. de uma D.I. o terreno é factor de *relativa importancia*, para um cmt. de cia. elle é factor *absolutamente imperioso*. E quanto mais cerradas sejam as circunstâncias tacticas mais *subirá de valor* o factor terreno para aquele chefe, mais se mostrará elle *decisivo* para essoutro.

E' que o terreno representa, em princípio, *grande parte* das possibilidades dos meios de que dispomos como das dos meios de que dispõe o inimigo, e em *condições restrictas de tempo e espaço* representa a *maior parte* dessas mesmas possibilidades.

Em resumo, os trechos de terreno a se considerarem, no caso geral que admittimos como no da sua modalidade melhor caracterizada que acabamos de encarar, vão diminuindo *tanto em largura como em profundidade*, quanto mais se desce nos escalões de commando ou mais curtas se vão tornando as distâncias que separam os dois partidos.

Assim sendo, da analyse succincta das linhas capitais do terreno deve-se ser capaz de baixar — *com oportunidade e precisão* — á analyse de seus mínimos detalhes.

E já é tempo de pensarmos na codificação, na systematisação de quanto temos feito n'esse aspecto da nossa preparação tactica, de modo que saibamos, de uma vez por todas, como seriar o estudo do terreno *proporcionadamente* ao escalão em que se commanda ou á distância a que se está do inimigo.

*
* *

Eis tudo. Os motivos que nos animaram e os objectivos que visamos ahi estão bem patentes. Trata-se — podemos agora dizer-o em poucas palavras — de uma contribuição para:

- a) — regularizar uma serie de *pequenas questões* mas que interessam vivamente á efficiencia prática de nossa preparação tactica;
- b) — dar *sentido tactico* á *leitura de cartas*, tal como o possue o terreno que elles reproduzem;
- c) — fazer da *aprendisagem e uso da leitura de cartas* uma *ante-sala* e um *complemento* do *estudo da tactica*.

A successão destas alineas não implica o trato em separado com cada um dos aspectos que elles contêm. Cada um dos artigos que se vão seguir será influenciado por todos elles conjuntamente.

De outro modo, não se veja nesta serie de artigos senão um *agrupamento de notas*, sem outra intenção que focalizar os assumtos, estabelecendo, se possível, uma *base da partida* para as pesquisas de camaradas melhor avisados.

Este agrupamento se fará segundo o seguinte plano:

II — Questões de nomenclatura.

- 1 — Sobre caminhos e estradas.
- 2 — Sobre reintrâncias e depressões
- 3 — Sobre passagens entre elevações
- 4 — Sobre o modelado, propriamente dicto.

III — Flexibilidade ás regras de leitura de cartas

- 5 — Sobre medidas na carta
- 6 — Sobre designações de objectivos
- 7 — Sobre levantamento de perfis.

IV — Resumo de pequenos trechos de carta

- 8 — Sobre pequenas elevações isoladas.
- 9 — Sobre massiços
- 10 — Sobre trechos de pequena extensão.

V — Resumo de grandes trechos de carta

- 11 — Sobre ajustamento, uns aos outros, de pequenos trechos já resumidos
- 12 — Sobre trechos de grande extensão.

Commemorações de 24 de Maio e 11 de Junho

Embora com atraço, não devemos deixar passar a oportunidade de tecer alguns ligeiros commentarios sobre as solemnidades com que se commemoraram as duas maiores batalhas travadas por nossas forças de terra e mar.

E' sentença por demais sediça que o cultivo das suas tradições gloriosas é dos indicios do sentimento patriotico de um povo e factor educativo da alma das gerações que se vão formando, e nenhuma oportunidade melhor se offerece do que as datas evocativas dos nossos maiores feitos guerreiros, em que a alma e as energias nacionaes deram tudo de si para manter impollutos os brios e a honra do Brasil — estes dois symbolos de existencia de povo livre.

Por isso, quizeramos que fossem mais amplas as manifestações publicas das duas datas relembradas, que não só o meio militar sahisse á rua para render suas homenagens, patenteiar sua admiração aos brasileiros que lá se bateram mas que a Nação inteira, por todos os seus órgãos representativos e em toda a parte viesse cultuar a memoria de seus heróes em solemnidades que fossem lições de civismo aos moços que agora nascem para a vida publica.

Felizmente as paradas realizadas já constituem um conforto. De um lado, o carinho com que todos os militares cuidam em dar relevo ás solemnidades, levando aos pés das estatuas dos dois heroes synthetisadores das pleiades delles, de 24 de Maio e de 11 de Junho, o que melhor possuem e o que melhor lhes pôde representar e traduzir os sentimentos. De outro lado, ha a manifestação do trabalho das unidades que lá compareceram, compenetradas de que para «inspirar confiança e orgulho á Nação é indispensavel cultivar as tradições de brilhante apresentação de perfeita ordem que são os signaes exteriores do seu valor e disciplina».

Desde os fuzileiros navaes com seu uniforme berrante e destacavel, com seus typos de caboclos vigorosos e bem treinados até aos nossos soldados dos corpos de tropas, todos bem impressionaram mas é justo que se destaquem a Escola Militar, a Companhia de Carros de Combate e a Escola de Sargentos de Infantaria, pelo garbo militar, perfeição nos movimentos com que se apresentaram, atrahindo os

applausos da assistencia e correspondendo ás suas situações especiaes de recrutamento e de trabalho.

Na formatura de 24 de Maio as unidades do Exercito apresentaram-se de uniforme de brim kaki, o que contribue para tirar a solemnidade o brilho de que se deve revestir e faz que as unidades não impressionem a massa como é necessário que aconteça toda a vez que as forças armadas appareçam em publico. E tanto essa falta foi notada que já na formatura de 11 de Junho as unidades lá fcam com uniformes mais apropriados a impressionarem, a darem na vista.

A Escola de Sargentos com seu uniforme de brim kaki, por exemplo, não causou ao publico a impressão que deveram provocar as attitudes correctas e os movimentos precisos com que ella se destaca de todas as outras unidades. Todo esse effeito cresceria se ella vestisse uniforme vistoso e marcial, como acontecerá nas proximas formaturas, uma vez que o Sr. Ministro lhe dotou de uniforme apropriado a esse fim.

Reparo a assignalar é a falta de uniformidade nas cadencias das bandas de musica que lá apareceram, e nos commandos e manejos da espada por parte dos officiaes, desuniformidade tão frisante que a todos chocou, mesmo aos mais leigos no assumpto.

Inicialmente não vemos razão por que não seja o nosso regulamento de infantaria adoptada integralmente nas forças da Armada, já que isso será mais comodo aos proprios officiaes de marinha que assim pôdem aproveitar da experiençia dos seus camaradas de terra, especialistas no assumpto, já que isso revela ao espirito, de estranho indicio de ordem e disciplina entre nós. Não vemos como justificar as inovações e disparidades verificadas.

Do mesmo modo não se pôde deixar de extranhar a falta de observancia por parte de alguns officiaes nossos das prescripções do R.E.C.I. e do regulamento de desfiles cuja interpretação verdadeiramente simples não é razão para a diversidade de procedimento lá notados. Não nos move o espirito de censura, mas sómente o de annotar faltas que são corrigidas já que todos nós queremos sempre attingir a perfeição na nossa ingrata mas gloriosa tarefa.

EDUCAÇÃO

pelo Major Agrícola Bethlem

(professor do C. M.)

O nosso principal objectivo é indicar um plano de ensino secundário que permita constituir a média da mentalidade de nosso povo, de modo a concorrer á formação da «raça brasileira», forte, corajosa e energica, rica de intelligença, capaz, por seu saber, de aproveitar as riquezas de nosso sólo, os dons que nos concedeu a natureza, enquadrada dentro num regime político á altura das conquistas efectuadas pelo genio humano amando intensamente a sua Patria, por cuja grandeza e prosperidade trabalha alegremente e para a defesa da qual soube constituir-se.

O plano geral de Educação dum povo, tarefa, creio que não exagero affirmando, fundamental na sua organisação, no direito de constituir-se em Nação digna de figurar no quadro das nações livres e *que se governam*, abrange desde o lar até ao regime político que se concretiza na forma de governo e nos meios de exercel-o.

E', além disso, função do tempo e do espaço para empregar linguagem científica.

No estricto ponto de vista em que nos collocamos vamos traçar um schema succinto dos assumptos que abordaremos para indicar, ao nosso humilde modo de vêr, como se deve organizar um estabelecimento modelar de ensino secundário:

I — Idéas geraes

II — Curso secundario —

1) Admissão:

- a) conhecimentos exigíveis;
- b) exame da intelligença;

2) Curso propriamente dicto:

- a) educação physica;
- b) educação intellectual;
- c) educação moral.

IDÉAS GERAES

Seria conveniente que abordassemos o estudo da Educação por uma definição precisa que limitasse desde logo o campo de nossa actividade e methodisasse a exposição.

Innumeras são as definições e uma delas poderíamos perfilar se não fôra o desejo de afastar toda preocupação academica e encarar a questão sob o ponto de vista utilitário, unico que nos convém.

Assim distinguiremos tres phases no problema da Educação:

- uma inicial, ou ponto de partida;
- outra, final, que encerra o seu objectivo;
- outra, intermediaria, que opera a ligação e que se pode dizer constitue propriamente a educação.

A phase inicial representa a *realidade dada*, existente e que constitue o estudo do menino e do homem, feito á luz da Biologia, Physiologia, Psychologia e Sociologia e que nós consideraremos instituida;

a phase final comprehende — o ideal da educação, — assás complexa questão porque se subordina naturalmente ás cogitações do domínio puro da *Philosophia*;

a phase intermediaria comprehende os meios ou processos para chegar ao fim proposto, isto é, para attingir o ideal, ou, o que diremos com mais acerto, para delle nos approximarmos indefinidamente; e que constitue propriamente a Pedagogia.

Resulta que a educação, ainda que não seja feliz a comparação, é uma ponte entre a realidade e o ideal, é a fonte perenne de progresso, porque por progresso entendemos nós esta tendencia, ou melhor, essa marcha constante do que é para o que deve ser.

Dahi bróta espontaneamente a accepção moderna da palavra educação — conjunto de processos usados por uma sociedade para a realização de seus ideias — e onde resalta o seu intimo carácter social.

Todavia, essa translação do real para o ideal não se opera com os ensinamentos da Pedagogia somente, mas auxiliada passo a passo pela Política.

Embora espiritos haja que não comprehendem essa fraternisação não podemos separal-as, porque, dum lado o pedagogo procura guiar seus discípulos até ao supremo ideal accessível a cada um delles e de outro lado o político procura conduzir seu povo até o maximo ideal para este e por este mesmo formado.

O criterio que justifica a separação da Pedagogia e da Política alicerça-se em uma concepção mesquinha duma e doutra.

Se Pedagogia consiste em conservar meninos quietos na aula e ensinar-lhes, de memoria, mecanicamente, um certo numero de disciplinas; se Política consiste na luta immoral entre partidos para a conquista do Poder, logicamente que só têm a perder em irmanar-se; encaradas, porém, na sua verdadeira e digna accepção não se comprehende separadas, quero dizer emancipadas.

**

A Educação deve preparar a creança para o seu papel futuro de homem, deve encorajá-la sob o triplice aspecto physico, intellectual e moral, não só em seu interesse proprio, como, sobretudo, no interesse maior da collectividade — Patria e humanidade.

PELA EDUCAÇÃO PHYSICA procede-se «á pesquisa da força pela saude, porque a saude é a primeira das forças», impõe-se a obrigaçao de nunca separar o cerebro do corpo, o moral do physico.

Os phenomenos da vida organica e os phenomenos intellectuaes e moraes não podem ser separados de um modo radical, têm caracteres communs, o que é afirmado desde cerca de

quatro séculos antes de nossa era pelo grande philosopho grego, o divino Platão, quando aconselhava a «não exercitar a alma sem o corpo, nem o corpo sem a alma» porque assim se imitava a harmonia do universo.

E' indispensável que as funções corporaes se cumpram de maneira a permitir a vida completa do *cerebro* e suas manifestações exteriores, donde o natural interesse da sociedade em conservar e melhorar a *saudade* de cada um de seus membros, não só para que cumpram os seus mistérios, mesmo quando põem em «perigo a sua vida» mas também e principalmente para que seus sucessores, seus descendentes «sejam sãos de corpo, como corajosos, sensatos e honestos».

Visto como ninguém trabalha exclusivamente para si (é princípio de moral) o homem se educa afim de, aperfeiçoando-se, concorrer decisivamente para o progresso e engrandecimento da Patria, donde resulta, em qualquer sistema de educação que attenda a formação do «carácter nacional» (objectivo moral) impôr á mentalidade dos jovens a necessidade de vêr no cuidado da «saudade um dos deveres fundamentaes do cidadão».

Não se pôde, nem se deve despresar a personalidade individual, que é constantemente excitada pela necessidade de alimentação e pelas exigencias do meio que dirige a actividade, afim de armal-a dos elementos precisos, não só para supportar-as, como para vencel-as, guiada sempre para o objectivo principal da educação — a formação do carácter nacional — o que dignifica a formação do homem, pois irmana sua actividade em pról da felicidade da Patria.

Independente do exercicio habitual, as nossas faculdades moraes, intellectuaes e physicas, enfraquecem-se gradativamente, animadas nesse enfraquecer de velocidades directamente proporcionaes ao grão de dignidade relativo dessas faculdades.

Assim, e isto é fóra de duvida, as nossas faculdades physicas são mais resistentes que as intellectuaes e estas que as moraes, de fórm a poder-se observar que os ultimos caracteres que desaparecem em uma raça decadente são os physicos, enquanto a decadencia começa com a depressão em os sentimentos de moral.

E porque são mais fracas as faculdades moraes, é que devem ser educados com a maxima intensidade, nada descurando, para evitar o seu enfraquecimento, procurando tudo o que possa contribuir para a sua pujança.

Ora, existem relações as mais intimas entre o corpo e o cerebro, entre as funções do physico e do moral, donde resulta, naturalmente, a imperiosa necessidade de observar fundamentalmente todas as regras que se destinam a conservar e melhorar, quanto possível, a saude do cidadão, para evitar os seus reflexos fataes sobre o carácter nacional, isto é, fortalecer convenientemente o physico para exigir do cerebro o maximo de desenvolvimento intellectual e perfeição moral, fim que procura eternamente atingir a humanidade.

E' bom, todavia, apesar de já se poder concluir, accentuar que não se procura com a educação physica musculosidade, formar athletas no sentido vulgar da palavra, porque o «athle-

ta é um fraco, visto romper o equilibrio da vida a favor dos musculos», mas a harmonia do corpo, para o perfeito funcionamento dos orgãos da vida, para a conquista da saude.

A educação physica, resume-se, pois, em obter «o desenvolvimento harmonioso do corpo, em equilibrio muscular, em saude, belleza, resistencia e força, em vista da hereditariedade, para a melhor adaptação ao meio, no tempo e no espaço» e se obtém com «o conjunto dos meios dynamicos e psychicos que permitem, com o concurso dos agentes physicos, cujo movimento é mais importante, fazer o corpo humano produzir o maximo de rendimento physico, intellectual e moral com o minimo de fadiga».

Esse conjunto de processos comprehende:

a) *gymnastica de formação e de constituição*, para o desenvolvimento systematico do corpo, em vista da melhor evolução do homem e da raça.

b) *gymnastica de applicação e adaptação ao meio*, para o homem racionalmente constituído pela *gymnastica de formação*.

A primeira tem os caracteristicos de uma *sciencia* e se applica sobretudo nas escolas primarias e secundarias, enquanto a segunda, com os caracteristicos de *arte* se destina ao «homem racionalmente constituído pela *gymnastica de formação*», isto é, aos maiores de 18 annos normalmente.

PELA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL procura-se utilizar as faculdades da creança na ordem em que elles se vão despertando, de fórm a a ir gradualmente desenvolvendo a *memoria*, sem excesso para não cahir no verbalismo, isto é, no falso saber superficial e pretencioso.

E' a memoria base de todo o raciocinio, porque é com o seu auxilio que se accumulam factos e imagens, e constitue um dos problemas mais importantes da educação intellectual e que a psychologia applicada hoje resolve, fixar a natureza de memoria — se auditiva, visual ou motora — de cada um dos estudantes.

Nos internados, esse problema sobreleva em importancia pelo facto de ainda hoje, em *estabelecimentos modelares de ensino*, forçarem-se as creanças a estudar em silencio, preparando assim, inconscientemente, o insucesso dos educandos que estão confiados a seus cuidados e cuja memoria é auditiva ou motora.

Após a memoria, cuida-se com desvelo da faculdade intellectual que é o espirito de observação e gradativamente as faculdades de analysar, de abstrahir, de combinar até formar o que pódemos chamar sentido logico e que consiste em:

— de proposições dadas como evidentes (postulados fundamentaes da *sciencia*) concluir as consequencias que elles comportam;

— aprehender o accordo de uma proposição com os factos.

Esta ultima qualidade resulta da aquisição dum senso critico que se accentua com o saber e se revela com a imaginação.

Finalmente, desenvolver o amor e o conhecimento do bello, o gosto pelas idéas ge-

raes, a necessidade de aprofundar as questões examinando-as sob todos os aspectos, isto é, despertando o gosto pela Cultura Philosophica, que deve ser a obra de coroamento da educação intellectual.

As diferentes disciplinas em que se exercitam as faculdades intellectuaes comportam uma seriação e designação que apreciaremos unicamente em relação ao ensino secundario e, mais que a quantidade de saber, visam formar uma intelligencia robusta, isto é, «a capacidade general dum individuo orientar conscientemente seu pensamento ante situações novas; a capacidade general de adaptação psychica a novos problemas e considerações de vida».

PELA EDUCAÇÃO MORAL visa-se formar no menino o homem *honesto e de carácter*, no sentido que todos comprehendem, cheio de virtudes domesticas e civicas e transbordantes de amôr da Patria.

O objectivo da educação moral, principalmente entre nós, que não temos ainda nitidamente accentuados os caracteristicos da Raça, povo ainda em formação, deve ser o Amôr da Patria, pregado nas escolas como fizeram os allemaes nas universidades durante perto de um seculo, afim de fixal-o nas almas como na Inglaterra e na França.

E' preciso que os responsaveis pela formação da mentalidade nacional nunca «esque-

cam que cada alumno é um cidadão brasileiro e que em todos os ensinos e em particular no da Geographia e da Historia, é a questão do patriotismo que deve dominar, afim de inspirar ao menino uma admiração quasi sem limites pela grande Nação que deve chamar sua.

Appel, um dos mais illustres sabios da França hodierna, em todos os seus discursos, conferencias e orações, quer se trate da Escola Normal Superior, das relações da America latina, do futuro da aviação, do papel das sciencias, das pesquisas scientificas, da industria chimicas por toda parte achar-se-á o cuidado da grandeza e da prosperidade de sua Patria.

Mas, não posso silenciar quanto á observação que me parece importante de que não é bastante a palavra, o verbo, o conselho, se não e sobretudo o exemplo.

O professor só, sem o concurso do meio social, sem os exemplos de civismo, abnegação e patriotismo que possam fornecer os homens sobre cujos hombros pousam os eixos dessa máquina que representa uma nacionalidade, pouco fará ou nada conseguirá.

A obra de educação moral pertence ao lar, á escola, á caserna e ao governo, porque é preciso que o menino veja praticar em torno de si as virtudes que se recommendam, afim de se estabelecer uma corrente de sympathia duravel, de fórmula a se modelarem as almas juvenis pelas almas varonis de seus educadores.

(Continúa)

O bonet unico

«A respeito de uniformes uma medida se impõe — a criação de um bonet unico para cada uma das armas, tal como já se o fez para a Cavallaria.

Em primeiro lugar estaria a conveniencia de evitar-se privilegios para qualquer arma. São tantos os factores que dissociam os nossos quadros que convinha afastar mesmo os dessa especie. Já chegam as causas de heterogeneidade que existem.

Em segundo lugar estariam as razões de ordem practica e economica. Os officiaes que usam tres cópas diferentes ou se obrigam a possuir tres bonets, o que lhes sae carissimo, ou se contentam em usar uma só armação e tres capas com prejuizo evidente da apresentação de seus uniformes.

Adoptar-se o bonet unico para cada arma seria uma alteração nos uniformes que todos aceitariam de bom grado, pois, viria limitar, antes que qualquer outra coisa, a despesa que os officiaes das tres outras armas tem com a sua cobertura de uso mais corrente».

Citações e não elogios

«Quando se trate de moralizar as condições de acesso, uma das coisas que terá de fazer desde logo é a proscrição dos elogios.

Todos nós o sabemos bem como se fazem os elogios e o absurdo que elles representam na maioria dos casos. Quasi sempre laudatorios, fundamentados em mais ou menos farta adjetivação, acabam por afferir as virtudes dos elogiados pelo grao, pela intimidade dessa mesma adjetivação.

De outro modo, nós o sabemos tambem, todos elogiam. Basta que alguem disponha de um Boletim Regimental para que possa elogiar, segundo os caprichos da gamma infindavel das mais variadas impressões psychologicas. Dahi um mesmo official elogiado em um escalão de commando e não elogiado ou censurado n'outro ou n'outros.

Não seria muito melhor que apenas se registasse o que os officiaes fizessem, tal e qual, sem commentarios e que só a Comissão de Promoções coubesse interpretar semelhantes situações?»

A benção das espadas

Pelo 1.º Ten. Rinaldo Pereira da Camara

(do 7.º B. C.)

«Estudem o desenvolvimento da criminalidade militar, entre nós e hão de verificar, tenho por certo, que a delinquencia adquiriu, nessa esphera, expansão notável e crescente, desde que se varreu dos quartéis a influencia civilisadora do culto». — *Ruy Barbosa*.

Em severa critica á tradicional cerimonia da benção das espadas, o illustrado Capitão Nilo Val, sem duvida uma das figuras mais representativas do nosso Exercito, accusa-a de inconstitucional e de trazer no bojo a possibilidade de consequencias perturbadoras da disciplina e da ordem. Quando um acto transbordante de superior moralidade como o da criticada benção, apoia-se em uma consagradora tradição tecida de successivas approvações dos verdadeiros responsaveis pela fiel applicação dos principios constitucionaes da Republica, parecemos que, para a discussão de sua legitimidade, deveria existir uma prescripção.

Uma vez, porém, que se inicia o debate em torno desta legitimidade, ensaiemos sua demonstração. Dous são os argumentos — clavas em torno dos quaes se desdobra toda a dialectica do distinto articulista: o da inconstitucionalidade do acto e o das ameaças á disciplina que elle envolve.

Analysemos o argumento da inconstitucionalidade.

Eis-o syllogisticamente formulado: a nação não tem religião; como o soldado é um representante da nação, logo o soldado não pode consagrar a sua espada a religião alguma.

Tres concepções estão latentes no espirito do muito digno articulista, determinando o erro do seu raciocinio: suppor a impossibilidade constitucional de manifestações religiosas por parte do Estado; ter como criterio determinante da representação do Estado pelo funcionario militar, o uso por parte deste de suas insignias profissionaes; suppor, finalmente, que o militar — na cerimonia da benção das espadas — consagra á Egreja os poderes que o Estado lhe confere para a realização de suas funções publicas. Examinemos o syllogismo em seus diferentes elementos.

**

A nação não tem religião.

Esta maxima da moderna politica constitucional exige uma interpretação.

Analysando as origens e os caracteres moraes da nossa Constituição, Ruy Barbosa assegura-nos que «sua embryogenia é exclusiva e notoriamente americana». Uma regra elementar de hermeneutica manda que consultemos, pois, para bôa comprehensão da nossa Carta Poli-

tica, a doutrina dos interpretes e a historia da applicação dos principios constitucionaes norte americanos. Nos Estados Unidos, informam-nos Tocqueville e o genial auctor da nossa Constituição, «a religião é a primeira das instituições politicas e sob esta constituição a vida religiosa tem um amparo mais estavel e uma relação mais declarada com os grandes actos do Estado que noutro qualquer ponto da terra». Lá — continua o maior dos constitucionalistas brasileiros — provam «os seus presidentes e legisladores pelos actos mais insignes, de carácter oficial, que a separação entre a Egreja e o Estado, tal qual se pratica naquelle paiz não separou a nação do christianismo».

E' que os politicos e juristas norte-americanos pensam com o grande constitucionalista italiano Micelli que «as condições sociaes e os precedentes historicos podem ser taes que induzam os governos a favorecer este ou aquelle culto, visto como o direito não pode despresar os elementos accumulados pela historia si quiser fundar-se sobre factos e não sobre abstrações»... Não se pode, pois, negar ao Estado a faculdade de dispensar uma especial deferencia á religião professada pela gradissima maioria dos seus cidadãos. A liberdade deve fundar-se sempre sobre as condições effectivas do meio e, si estas não são iguaes, não pode ser igual tambem o tratamento por parte do Estado. Neste caso a igualdade deve consistir não naquillo que o Estado deve fazer, mas naquillo que não deve fazer, afim de que as diferentes confissões religiosas possam viver e desenvolver-se de acordo com a sua natureza».

Em que sentido, então deve-se entender o aphorismo — o Estado não tem Religião? Responde-nos Ruy Barbosa, afirmando que, o que a nossa constituição proíbe é «estabelecer distincções legaes entre confissões religiosas, sustentar a instrucção ou o culto á custa de impostos, obrigar a frequencia aos templos ou a assiduidade nos deveres da fé, crear embarracos de qualquer natureza ao exercicio da religião, contrariar de algum modo a liberdade de consciencia, a expressão das crenças ou a manifestação da incredulidade nos limites do respeito ás crenças e liberdades alheias». Um eminent constitucionalista norte-americano, o juiz Cooley, doutrina que «nenhum principio de direito constitucional se quebranta quando se fixam dias de acção de graça e de jejum, se nomeam capelães para o Exercito e Marinha, quando se abrem as sessões legislativas orando ou lendo a Biblia, quando se anima o ensino

religioso favorecendo com a imunidade tributaria as casas sagradas do culto».

Os nossos estadistas vêm, ultimamente, concretizando esta exegese dos mestres. A impressionante participação do Estado nas homenagens prestadas ao Cardeal Arcoverde, por occasião do seu jubileu, a recente attitude do Congresso pedindo as bençãos da Egreja para o palacio onde ia realizar suas funcções de orgão vital da nação, são duas provas, entre muitas outras, da sadia intuição que, relativamente a laicidade do Estado, manifestam os nossos governos.

Em uma palavra: dentro do espirito da nossa constituição e sem attentar contra quaisquer liberdades, o Estado pode, representado «pelos seus presidentes e legisladores, pelos actos ensignes, de carácter oficial», participar em manifestações religiosas, provocal-as, favorecê-las.

**

Reflictamos, agora, sobre a exacta significação da segunda premissa do syllogismo: o soldado é um representante da nação.

A relação jurídica existente entre um funcionário e o Estado é dominada, principalmente pelo direito público. O funcionário é um representante do Estado, que lhe confere um complexo de atribuições de interesse colectivo com os poderes necessários para realisá-las. Mas, não terá requisitos e limites esta representação? Qual o critério para determinar-lhe a extensão? Otto Mayer, — o grande mestre alemão da ciência administrativa — analysando a ruidosa questão da responsabilidade do Estado pelos actos dos seus funcionários ensina que fóra do exercício de suas funcções elles são «simples particulares, tanto sob o ponto de vista de sua responsabilidade, como sob qualquer outro ponto de vista».

Assim, sómente quando no exercício de actos funcionais é que os funcionários representam o Estado. Eis o critério científico para determinação da extensão da faculdade representativa do funcionário para efeitos de acarretar a responsabilidade tanto civil como política do Estado. Outros critérios são insuficientes. Admitir que haverá representação sempre que o funcionário trouxer suas insignias profissionais, é consagrar um critério popular, empírico e até perigoso.

Contra elle se manifesta implicitamente o legislador militar quando no numero 22 do artigo 421 do R. I. S. G. dispõe: «Constitue uma transgressão da disciplina militar representar a corporação em qualquer solennidade sem estar para isto devidamente autorizado». Logo, não é o simples uso de insignias profissionais que torna representante do Estado o militar.

Concluindo: a representação do Estado pelo funcionário é limitada, relativa.

**

Observemos, enfim, em todas as suas faces o pensamento que se contém na conclusão do syllogismo: o soldado não pode consagrar sua espada à religião alguma.

Preliminarmente, fixemos o sentido desta consagração. Procuremos através do seu evidente simbolismo a sua verdadeira e precisa significação.

De duas uma: ou o oficial se consagra á Egreja no sentido de fazer, em seu proveito, a utilização dos poderes que o Estado lhe conferiu para o desempenho de suas funcções de interesse público, ou não.

A primeira promessa, seria uma insanidade, pois, importaria em afirmar publica e solenemente, perante as maiores autoridades militares, a resolução de cometer um delito previsto pelo Código Penal Militar: abuso de autoridade. Além de repugnar ao bom senso, tal interpretação oppõe-se flagrantemente á letra expressa da formula oficial da consagração, á intuição popular do acto, á experiência da attitude que vem mantendo na realização de suas funcções os militares que, ha annos, fizeram a consagração de suas espadas e, finalmente, aos princípios, finalidade e indole da instituição a quem se consagram os mesmos. Oppõe-se á letra expressa da formula, pois promettendo o militar, perante Deus, consagrar sua espada á defesa «da Pátria, do direito, da justiça, da virtude e da Egreja», affirma uma harmonia presentida, desejada e promettida entre os interesses da Egreja e os interesses da Pátria, entre as exigências da Egreja e as exigências da justiça, entre as imposições da Egreja e as imposições do direito, entre os reclamos da Egreja e os reclamos da virtude. Elle sente e quer a conjugação completa de todos os ideias que aliamentam seu espirito.

Seria paradoxal, um juramento de fidelidade á Pátria que envolvesse uma promessa de delito contra essa mesma Pátria !...

Oppõe-se á intuição popular do acto — segundo a qual elle nada mais é que um consolador índice da vibração idealista de almas moças, patrióticas e crentes. Oppõe-se á experiência da attitude que vêm mantendo, no seio do exercito, os militares que ha annos, se consagraram a Egreja: attitude exemplar de soldados integraes. Oppõe-se enfim, á propria finalidade e indole da Egreja a quem se consagram os officiaes, finalidade toda espiritual, ignorando os sonhos de grandeza temporal e a embriaguez de conquistas terrestres. Ella que na phrase de Guizot (1) — é a maior escola de obediência que jamais existiu, saberia recusar consagrações que importassem em attentados contra a ordem do Estado. De todos estes argumentos podemos induzir que o militar «não se consagra á Egreja no sentido de utilizar em proveito desta, os poderes que lhe conferiu o Estado para a realização de suas funcções. Em que sentido, então promete o militar defender a Egreja?

No mesmo sentido em que promete a defesa «do direito, da justiça, da virtude»... A Egreja não é um Estado, uma nação com território, exercitos, programmas políticos, e finalidade, puramente humana, a realizar.

Ella é uma doutrina, um culto e uma sociedade, mas puramente espiritual, organizada em

(1) insuspeito e eminente.

vista de um fim supra-terreno. Quando o militar promete defendê-la, não allude a uma defesa pelas armas. Como a justiça, como a virtude, a Egreja não é atacada a sabre e a fuzil, nem defendida por armas automaticas. A Egreja não quer a espada dos seus filhos na sua significação puramente material de instrumento dilacerador das carnes e aniquilador das vidas. A Egreja não quer a baioneta dos seus centuriões, mas as armas da sua dialectica de apostolos. Defende-se a Egreja como se defende o direito, a justiça, e a virtude: isto é, com meios adaptados a propria essencia da justiça do direito e da virtude. A defesa promettida é complexa: pela palavra escrita, pela palavra falada, pelo exemplo e até pelo sacrificio. Em uma palavra uma defesa da Egreja como entenderam-na os Foch, os Castelnau, os Petain, os Fayolle, os Mangin...

**

Fixado o exacto sentido da consagração, reflectamos sobre a sua pretensa inconstitucionalidade. De duas uma: ou a inconstitucionalidade reside na *forma* do acto ou na sua *substancia*, na *materia* do compromisso.

Examinemos si a consagração é formalmente inconstitucional. Parece-nos termos demonstrado a constitucionalidade dos actos de religião praticados pelos representantes officiaes do Estado. Vimos que o simples uso de insignias profissionaes não torna o funcionario militar um representante do Estado. Vimos, tambem, que fora do exercicio de suas *funcções*, o funcionario é um simples particular. Além disso, Castello Branco na sua obra «Consultor Militar» pagina 266, vol. 2º, cita um Aviso Ministerial e um parecer dado a uma consulta sobre a maneira de entender a liberdade de expressão de crenças relativamente aos militares, que permitem a estes o uso de suas insignias em todos os actos de culto da religião que professarem. Podemos, de tudo isto, legitimamente induzir que nada ha, de contrario á Constituição, na forma do acto. Residirá, então na sua essencia a inconstitucionalidade? Já analysamos o conteudo do compromisso que o militar assume diante da Egreja e fixamos o seu alcance e significação. Seu conteudo não se faz somente em harmonia com a lei positiva; elle é altamente moral. Não pode o Estado temer que seus defensores sejam homens consagrados a defesas de ideias sadias e conservadoras, de princípios que constituem a base de toda ordem e de todo o progresso...

Si o Estado, em respeito á liberdade de consciencia e á liberdade de expressão de crenças, não pode prohibir que um militar, publicamente, professe o atheísmo integral, pregue a incredulidade, defendendo o divórcio, com que direito, fundado em que razão impederia a affirmação de ideias conservadoras e sadias? Se profissões publicas de fé em theses que a experiência demonstra perniciosas á estabilidade do Estado, á pureza dos costumes publicos, não podem ser prohibidas, que diremos então da legitimidade de profissões de fé em verdades que alimentam a ordem publica e a felicidade dos homens?

**

Passemos, agora, á analyse da segunda objecção formulada pelo illustrado auctor da «Organisação e tactica da cavallaria», das guerras do Prata e das «Notas sobre jogo da guerra».

«Dado o caso de um attricto — interroga o distincto articulista — pouco provavel mas possivel, entre a Egreja e o Estado, como agiria o militar que a ambos se prendeu, ao segundo por um compromisso formal e positivo e á primeira por um juramento sagrado?»

Preliminarmente, negamos seja a benção a criadora do juramento donde teme o Sr. Capitão possam advir consequencias perturbadoras da disciplina. A benção das espadas é, em ultima analyse, a affirmação publica e solemne das disposições moraes de jovens militares.

Estas disposições constituiram a *causa* da ceremonia. De facto, não fossem catholicos os militares e não haveria a benção. Estas disposições moraes são *anteriores* á benção. E' a qualidade de catholico no militar, que cria as possibilidades dos temidos attrictos. As intenções afirmadas publica e lealmente pelos militares no momento da benção eram anteriormente a ella, uma realidade moral. Logo, a benção não *cria* o juramento, ou melhor, o estado moral donde podem derivar os temidos attrictos.

Para a sua defesa este argumento basta-ria. Este estado moral, esta attitudo do soldado diante da Egreja anterior á benção, é uma attitudo *legitima*. Decorre do fundamental direito de liberdade de consciencia.

O catholico que vê na Egreja a mestra inspirada, portadora da solução do problema gravissimo da finalidade humana, a ella se consagra, ouve-a attento, abandona-se ás suas sacerdoticias influencias. Vestindo a farda leva no espírito a mesma visão catholica da vida. Não apostata ao jurar bandeira. Como a distinção entre soldado e cidadão é toda convencional, pois, não ha uma vontade do soldado e outra vontade do cidadão, uma intelligencia do soldado e outra intelligencia do cidadão, procura o catholico que veste a farda a formula da conciliação dos interesses da patria com as exigencias do seu crédo. Esta formula, facilmente a encontra, pois, como observa Augusto Comte e a historia e os factos demonstram, o christianismo dá ao sentimento nacional, patriotico, seu verdadeiro valor e medida. Mas, esta harmonia entre as exigencias do Estado e as impo-sições moraes da Egreja podem vir a soffrer crises. Estes attrictos, inevitaveis na sociedade humana, tendo em vista a finalidade e indole da Egreja, reduzem-se a um coefficiente minimo. Mas, mesmo estes rarissimos attrictos podem receber soluções...

Que sabia attitudo, que christianissima pru-dencia uzaram, ha mezes, por occasião das investidas de Herriot contra a Egreja, os catholicos, heroicos e sabios, Foch, Gouraud, Petain, Castelnau, Fayolle e tantos outros! E, na even-tualidade de um conflito insolvel, o criterio de acção do militar catholico seria o apontado pela divina sabedoria de N. S. Jesus Christo: Dae a Cesar o que é de Cesar e á Deus o que é de Deus. Esta maxima inspirou o pro-

ceder de bravos capitães romanos convertidos ao christianismo que, diante das exigencias tyrrannicas dos Neros e dos Dioclecianos, souberam ser christãos sem deixar de ser soldados: foram martyres.

Tranquillise-se pois, o ilustrado e muñido Snr. Capitão Nilo Val. Não perturbão a ordem do Estado estes de quem disse o fundador do positivismo: «Os catholicos representam na anarchia actual das doutrinas e dos costumes, as principaes garantias, quer moraes quer politicas da ordem humana». Não attentará contra a ordem e o progresso da nossa Patria esta Egreja de quem afirmou, em discurso official pronunciado em 1924, o nosso chanceller: «Não seríamos nada sem este poderoso instrumento de ligação espiritual, factor maximo da unidade estupenda da nossa Patria».

Resumindo: a benção das espadas é um acto inteiramente constitucional e em nada contribue para crear no soldado um estado moral fecundo em consequencias perturbadoras da disciplina. Condicionar as manifestações da consciencia religiosa do militar, impondo-lhe limites e impertinentes requisitos, é que seria attentar contra liberdades asseguradas pela Constituição. Não só em nome da justiça, mas até inspirado por motivos de pura política utilitaria deve o Estado apoiar manifestações moraes como a benção das espadas. A Egreja sem a qual, na phrase official, *nada seria o Brasil*, como o deus mythologico, jámais devorará seus proprios filhos.

Junho, de 926.

A falta de espaço

Apezar de que tenha vindo á luz ha pouco mais de uma quinzena um numero duplo de nossa Revista, a afluencia de collaboração foi tal que nos obrigou a deixar para o numero de Agosto os seguintes trabalhos:

Nova lei de Promocões — («Sugestões»).

Localisação pelo Som — 1º Ten. Lima Camara.

Mecanica de Reparos — Cap. Carlos de Abreu.

Pontaria á luneta — Major Caiuby.

O serviço de remonta á luz das necessidades da Defesa Nacional — Major A. Ferreira e Ten. W. Pimentel.

Plotagem na Fortaleza de S. Cruz — Cap. Ary da Silveira.

Reflexões e verdades a respeito do sorteio — Cmt. Torres Guimaraes.

Conferencia sobre o Sorteio Militar — 1º Ten. Floriano Peixoto Torres Homem.

Themas tacticos de Infantaria — Cap. Demerval Peixoto.

O Fusil metralhador mod. 1924 — Cap. João Pereira.

Sobre Barragem — Cap. Verissimo.

Sobre o Regulamento de Artilharia («Sugestões»).

A disciplina — Tte. Alcindo Pereira.

Observações sobre a organisação da Infantaria — Cap. Cidade.

Carta aberta aos directores do «Diario do Brasil» — Cap. I. B. Magalhães.

Emprego da engenharia na organisação do terreno em ligação com a Infantaria — Trad. do 1º Ten. Octavio Paranhos.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

Revista Militar — La Paz — Bolivia — Maio (N.º 53).

Rev. del Ejercito y de la Marina (Mexico) — Abril (N.º 4).

Memorial del Ejercito de Chile — Mayo.

Memorial del E. M. del Ejercito de Columbia — Janeiro e Fevereiro.

Rev. del Circulo Militar del Perú — Maio.

Rev. de Cavallaria — Maio - Junho.

Rev. de Hygiene e Cirurgia — Maio.

Nota — Na Papelaria Macedo (Quitanda 74) encontram-se á venda:

A Defesa Nacional exemplar 18500

Guia do Cmt. do Grupo de Combate (Ten. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel) 58000

Collocação da Bateria em vigilância (Ten. Fonseca de Araujo) 58000

Artilharia — Exercícios na Carta (Major Sílio Portella) 68000

Que a artilharia deve saber da Infantaria? (Cap. Mario Travassos) 58000

Notas de estudo sobre os Novos Regulamentos (Cap. Mario Travassos) 58000

Instrução do Soldado (Cap. Dermeval)

Fasc. I — A Educação Moral do Soldado.

« II — A Instrução Geral.

« III — A Instrução disciplinar e de Serviços.

« IV — A Instrução Physica e treinamento de marcha.

Preço de cada fasciculo 18000

Os quatro fasciculos reunidos 38000

Os pedidos de fóra, para qualquer d'essas obras, devem ser acompanhados de um sello de 500 rs. para a remessa.

O tema de "A Defesa Nacional"

Conforme tinha sido previsto em o nosso numero anterior, reapparece o Concurso de themes tacticos.

Antes, porém, de dar publicidade ao novo tema vamos transcrever as instruções inicialmente estabelecidas e que concernem:

a) As condições em que deverão ser resolvidos, enviados e julgados os themes, a bem do methodo e indispensável uniformidade do julgamento;

b) As indicações geraes que devem guiar aquelles que não tiverem ainda o treinamento bastante para resolver essas questões.

**

A) Condições:

1.º Os trabalhos deverão ser, sempre que possível, dactylographados, e, quando manuscritos, em graphia perfeitamente clara e intelligivel;

2.º Os originaes assignados com um pseudonymo composto pelo menos de 2 nomes (exemplo: Floriano Peixoto) serão enviados sob registo á esta redação, acompanhados de um envelope fechado, na parte exterior do qual será reproduzido o pseudonymo e no interior o nome verdadeiro, e o corpo em que serve;

3.º O prazo para o reconhecimento dos trabalhos será de 3 meses, a contar de hoje, 10 de Julho, e só serão julgados os que chegarem a esta Redacção até o dia 10 de setembro;

4.º A classificação dos trabalhos será feita de 1 a 10 pontos; e, no intuito de nivelar, tanto quanto possível, as condições dos concorrentes, a comissão abaterá, depois do julgamento e quando conhecidos os nomes verdadeiros:

1 ponto nas soluções dos officiaes que já tenham os cursos da E. A. O. e de Revisão, ou estejam frequentando o 2.º anno da E. E. M.

2 pontos nos que tenham o curso de E. Maior.

**

B) Conselhos aos principiantes.

Um tema tactico comporta:

a) Uma situação geral { inimiga

b) Uma situação particular relativa á unidade considerada;

c) Uma missão dada á unidade;

d) Terreno, dado pela carta.

Baseado nesses dados, o official deve formular a concepção de sua manobra e concluir-a por uma decisão que se traduz em ordens, fixando as condições de execução.

EXAME DAS SITUAÇÕES

Em 1.º logar, examinar a situação geral, isto é, o quadro em que se vae desenrolar o tema, procurando comprehendê-la e penetrar bem na ideia do chefe.

Depois, examinar minuciosamente a situação particular, anotando na carta todos os elementos de que se compõe a unidade que vae manobrar, no momento em que é recebida a ordem. Procurar viver nessa situação. Caso ella não esteja bem determinada, procurar fazê-la, recorrendo á missão anterior, que indicará uma certa articulação.

Examinar todas as ligações e transmissões estabelecidas, tanto com as unidades vizinhas como para a frente e retaguarda.

Fazer um exame geral do terreno, lembrando-se que elle é enquadrado pelas linhas de cristas e talwegs.

Marcar em azul os rios, e em vermelho as estradas.

Assim, terá uma ideia geral do terreno e das comunicações.

Raciocínio:

Passar em 1.º logar ao exame da missão. *De que se trata?* Eis a primeira pergunta do raciocínio.

Precisar bem o carácter da missão recebida: se de segurança, ataque ou defesa.

Compenetrar-se bem della, vêr quando deve ser iniciada e qual o tempo de sua duração.

Fazer depois as perguntas:

Para onde vou? Que preciso fazer?

O chefe que sabe para onde vae e o que vae fazer, deve pensar de antemão como vae fazer.

O exame minucioso e em consequencia a compenetracão da missão recebida são de importância capital; a situação tactica, a missão e o terreno são a base de todo raciocínio tactico.

Examinada desse modo a missão e respondidas todas as perguntas que indicamos, passará a examinar as possibilidades do inimigo: tacticas e em função do terreno.

Vem, então, a segunda pergunta do raciocínio:

Que pôde fazer o inimigo para impedir que eu cumpra a missão?

Examinar a situação tactica do inimigo, sua attitudo, seu dispositivo e as informações que o tema fornece a seu respeito. Dahi deduzir as possibilidades tacticas, como e em que tempo pôde elle se apresentar, quaes as direcções perigosas.

Um bom methodo é passar para o lado adverso e considerar o que faria se fosse inimigo, para prejudicar a missão, e mesmo impedir o seu cumprimento.

Em seguida, considerar essas possibilidades sob o ponto de vista do terreno.

Conforme as condições de tempo e de espaço, qual o terreno que elle pôde attingir; de acordo com a missão, qual o que elle não deve alcançar.

Facilidades e dificuldades offerecidas pelo terreno á acção inimiga.

Passar depois, de novo, para o lado amigo e examinar o terreno tendo em vista o cumprimento da missão recebida; facilidade de progressão, de defesa, de ataque, possibilidades de fogos, etc. Como pôde oppor-se ás possibilidades do inimigo, se elles são susceptiveis de prejudicar a missão.

Surgirá então a ideia de manobra: Objectivos a attingir ou posição de resistencia, conforme se trate de offensiva ou deffensiva.

Passar em seguida á terceira pergunta do raciocínio:

Com os meios de que disponho, e no terreno em que vou operar, como cumprir a missão apesar do inimigo?

Em consequencia: Distribuição e escalonamento dos meios, isto é, dispositivo a realizar conforme a missão recebida, e de acordo com as possibilidades do inimigo e o terreno.

Lembrar-se sempre que é com o grosso que o chefe exerce sua vontade.

Assim feito o raciocínio, tem o oficial de tomar sua decisão, que decorre da sua concepção da manobra. Ela é transmittida aos subordinados em forma de ordens, para as quais aconselhamos os mementos dos Regulamentos, procurando adaptá-los ao caso e servindo-se delas sómente como um guia de memória.

A ordem deve ser clara, concisa e precisa, sem literatura, com calligraphia clara e inteligível.

Quem dá a ordem deve sempre lela e vê se pôde ter outra interpretação e se não tem nada que contrarie o espírito dos regulamentos.

Nota — Todas as soluções serão devolvidas devidamente anotadas aos seus autores, desde que nos remettam sellos para o registro de volta.

**

O NOVO THEMA

Folha de S. Carlos do Pinhal 1/100.000 (Veja-se o n.º 146 da «Defesa»).

Situação Geral

Forças vermelhas de um partido do Sul, depois de uma série de operações felizes levadas a efeito contra forças azuis de um partido do Norte, conseguiram repelir estas últimas para a linha de alturas que bordam pelo Norte o Ramal Rib. Bonito.

O resultado importante alcançado por tais operações foi tirar aos azuis a circulação no citado ramal, ao mesmo tempo que desafogou o tráfego da estrada de ferro Bentas — est. Campo Alegre (a ser utilizada pelos vermelhos depois dos necessários trabalhos), com o ganho de terreno para o Norte.

E', então, chegado momento opportuno para uma parada nas operações offensivas dos vermelhos, o que já vinha sendo reclamado pela necessidade de restabelecer as comunicações pelos azuis, completar efectivos e reunir meios materiais mais importantes, à vista de operações futuras.

Assim, as forças do Sul (que nos interessam) se installam defensivamente nas elevações que dominam pelo Sul o Ramal Rib. Bonito:

— O escalão de vigilância, acompanhando mais ou menos a linha ferrea.

— O escalão de resistência, passando por faz S. Cândida — Ant.º Carlos (flanco oriental do dispositivo vermelho) — alturas que se estendem para Oeste, na direcção de faz. Água Branca — garupa 1 Km. E. de faz. S. Izabel do Bom Fim.

Os azuis parecem ter-se fixado solidamente na linha geral: faz. da Serra (flanco oriental do dispositivo azul) — faz. Venda do Salto — faz. José Marianno — e mais para Oeste.

Estas forças do partido Norte têm aproveitado habilmente a superioridade em efectivos de cavalaria: nos combates até então desenrolados, os vermelhos sofreram efeitos de muitas intervenções inesperadas.

Últimas informações prestadas por agentes, dizem que, em S. Carlos do Pinhal, movimentos suspeitos durante à noite parecem indicar reuniões de diversos elementos de forças

a cavalo. Particularmente na noite de 14/15 de Agosto, estes movimentos mais se accentuam, sahindo as tropas azuis pelo lado Sul da cidade.

A linha de etapas

A linha de etapas das forças vermelhas é guardada por tropas de 2.ª linha. Particularmente est. Campo Alegre serve de guarnição a um batalhão dessas tropas, encarregado da guarda da estrada de ferro, dos serviços de desembarque, etc.

Situação particular

Em vista do perigo que se pode apresentar no flanco direito das tropas vermelhas estabelecidas ao Sul do rio Monjolinho, é tomada a seguinte decisão para melhor assentear a defesa desse flanco:

Uma D. I. de reforço que está chegando na zona est. Guarany — est. Campo Alegre, e que no dia 14 de agosto desembarcou o seu 1.º R. I. nesta ultima estação, recebeu ordem para, no dia 15, enviar o mais cedo possível o mencionado R. I. para a zona de col. Floresta, passando aí as ordens do Cmt. do Sector de Leste.

De acordo com esta ordem, na manhã de 15 o R. I. marcha pela estrada que, sahindo a N. O. de est. Campo Alegre, se dirige para o Sul da faz. S. Evangelina, passa por faz. Cel. Novaes e faz. Paineiras. Hora de partida do primeiro elemento da vanguarda do R. I.: 6 horas.

Pouco antes de 6 h. 50', o Cmt. do Regimento (que marcha no seu logar na columna) é alcançado por um motociclista que partiu de est. Campo Alegre, sendo-lhe entregue a seguinte informação assignada pelo Cmt. do Desacamento de estação:

Dest. de	Est. Campo Alegre	15
Est. Campo Alegre	(quinze) de agosto de	
N.º 67	1926, às 6 h. 40'	

Snr. Cel. Cmt. do 1.º R. I.

«Informações telephonicas que acabam de chegar aqui, dizem que forças azuis de cavalaria, no valor de 3 a 4 esquadrões, foram vistas hoje, às 5 h. 30' a sahir de est. Colonia, na direcção de Sueste.»

(assig.) Ten. Cel. F.

Pede-se:

1º — Uma ampliação, na escala de 1/50.000, do trecho de carta compreendido no perímetro: est. Campo Alegre — faz. Mundo Novo — faz. Paireira — faz. Bôa Vista — est. Campo Alegre.

2º — Representar, nesta ampliação, a situação dos diferentes escalões da columna, quando o Cmt. do R. I. recebe a informação vinda de est. Campo Alegre.

3º — Decisão do Cel. Cmt. do R. I., em face desta informação.

Nota — Com as chuvas dos ultimos dias os rios estão cheios, permitindo a transposição immediata somente nos logares indicados na carta, salvo nos cursos superiores onde o volume d'água é pouco. Particularmente, o rib. do Feijão (rio que passa por faz. S. Francisco — faz. Paineira — faz. S. Anna e desagua no r. Monjolinho na região de faz. S. José) só é transponível nas pontes, em toda a extensão figurada na carta.

RADIO-TELEGRAPHIA

Emprego das lampadas de tres electrodos

Pelo Major Amaro Bittencourt

(Continuação)

A applicação do methodo vectorial para composição das senosoides

$$i_1 = I_1 \operatorname{sen} \frac{2\pi}{T_1} t \quad \text{e} \quad i_2 = I_2 \operatorname{sen} \left(\frac{2\pi}{T_1} t - \varphi \right)$$

nos permitirá um novo meio de analyse.

As amplitudes das senosoides i_1 e i_2 serão representadas em grandeza e direcção pelos vectores $OB = I_1$ e $BR = I_2$.

Essas amplitudes correspondem aos valores máximos das intensidades das 2 (duas) oscilações.

Em um instante dado o valor do vector resultante é OR .

Esse vector faz com o vector OB um angulo de phase P variável. Para observar a variação de P , vamos suppor que se tenha imprimido ao sistema um movimento de rotação em torno do ponto

Em resumo: podemos suppor OB fixo e BR girando em torno de B com velocidade $\frac{2\pi}{\theta}$. O ponto R descreverá um círculo de raio BR e o vector resultante OR , terá um valor e direcção dependendo somente da direcção de BR , ou do angulo φ .

Considerando as diversas posições que o ponto R pode ocupar, vemos que o vector resultante variará entre os limites $OR'' = OB + BR'' = I_1 + I_2$ (soma dos vectores componentes) e $OR' = OB - BR' = I_1 - I_2$ (diferença dos vectores).

Para o 1º valor limite $\varphi = 0$ e $P = 0$, as senosoides componentes e resultante estão em phase.

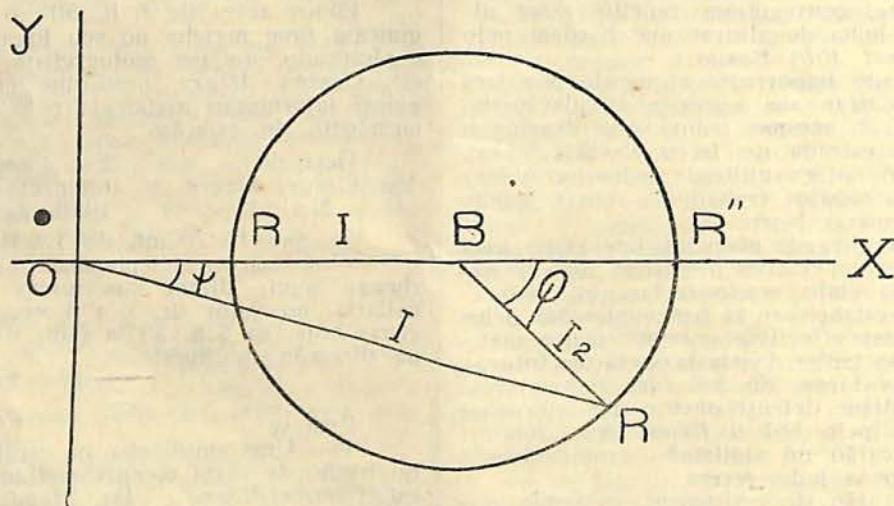


Fig. 5

O , em sentido contrário ao da rotação dos vectores e com uma velocidade uniforme e igual a $\omega_1 = \frac{\pi}{T_1}$. O movimento relativo de OB será nullo porque sua velocidade é nulla; o de BR será em sentido contrário ao primitivo e com a velocidade

$$\frac{2\pi}{T_2} - \frac{2\pi t}{T_1} = 2\pi \left(\frac{1}{T_2} - \frac{1}{T_1} \right) = 2\pi \left(-\frac{1}{\theta} \right) = -\frac{2\pi}{\theta}$$

Para o 2º, $\varphi = 180^\circ$ e $P = 0$; as senosoides componentes estão em discordância e a resultante em phase com i_1 .

O valor de P varia de zero até um maximo dado pelo angulo formado por OB com uma das tangentes ao círculo tirada do ponto O .

Os valores do vector resultante OR se reproduzirão, com o mesmo sinal depois de uma revolução completa, e o tempo

gasto por essa revolução (período do movimento) será

$$\frac{\text{espaço}}{\text{velocidade}} = \frac{2\pi}{2\pi} = \theta$$

Então θ será o período correspondente às variações de OR.

O triângulo OBR fornece

$$OR = \sqrt{OB^2 + BR^2 - 2OB \cdot BR \cos \text{OBR}} \text{ ou}$$

$$I = \pm \sqrt{I_1^2 + I_2^2 - 2I_1 I_2 \cos \varphi}$$

valor já achado e estudado.

Intensidade media

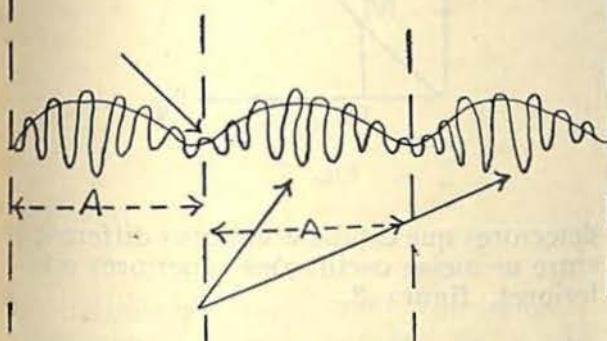


Fig. 6

Grupos de oscilações retificados

Se as amplitudes das componentes, I_1 e I_2 , fossem iguais teríamos:

$$I = \sqrt{I_1^2 + I_2^2 + 2I_1 I_2 \cos \varphi} = \sqrt{2I_1^2(1 + \cos \varphi)}$$

Para $t=0$, $\cos \varphi = 1$ e $I = \pm 2I_1$

— para $t = \frac{\theta}{2}$, $\cos \varphi = -1$ e $I = 0$

Para $t = \theta$, $\cos \varphi = 1$, $I = \pm 2I_1$ etc.

Em resumo: As oscilações produzidas no heterodyne, superpõem-se às captadas na antena dando lugar a grupos de oscilações resultantes, representadas pela figura 4 e cuja intensidade máxima, periodicamente variável no tempo θ , é representada pela curva da figura 4 (curva da amplitude).

A frequência desses grupos de oscilações será de $f = \frac{1}{\theta} = \frac{1}{T_1} - \frac{1}{T_2} = f_1 - f_2$ diferenças das frequências das oscilações componentes.

Podemos manter a frequência do heterodyne pouco maior ou menor que a frequência das oscilações recebidas na antena, de modo a obter grupos de os-

cilações resultantes de frequência audível.

Esses grupos retificados pelo detector fornecem uma corrente de intensidade media variável, com seus valores máximo e mínimo em correspondência com os valores máximo e mínimo dos grupos de oscilações — fig. 6.

Como as variações de corrente media são de frequência igual aos dos grupos de oscilações (audível), a placa telefônica vibrará sob a ação dessa corrente.

O som produzido pela placa telefônica será agudo quando a frequência dos grupos de oscilações for pouco inferior a 3.000 (limite das frequências audíveis). Nesse caso $f_1 = f_2 < 3000$ ou $f_2 - f_1 < 3000$. Si baixarmos progressivamente a frequência dos grupos de oscilações, o som se tornará cada vez mais grave até desaparecer quando

$$f_1 = f_2 \text{ ou } f_1 - f_2 = 0$$

VANTAGENS DAS ONDAS CONTINUAS SOBRE AS AMORTECIDAS.

Um dos inconvenientes no emprego de ondas amortecidas, pela radiotelegraphia, reside na dificuldade de eliminar as emissões estranhas e que perturbam seriamente a recepção dos sinais úteis. As ondas contínuas, permitem attenuar esse inconveniente, realizando syntonias mais agudas, o que torna possível a emissão simultânea de vários postos, com pequeno afastamento nos comprimentos de ondas e recepção, sem perturbação, nos postos de correspondência.

Com efeito: Para que um som se produza no telephone é preciso ter

$$f_1 = f_2 < 3000$$

$$\text{porem } f_1 = \frac{v}{\lambda_1} \text{ e } f_2 = \frac{v}{\lambda_2} \text{ logo } \frac{v}{\lambda_1} - \frac{v}{\lambda_2} < 3000$$

$$\text{ou } \frac{v(\lambda_2 - \lambda_1)}{\lambda_1 \lambda_2} \text{ ou } \lambda_2 - \lambda_1 < \frac{3000}{v} \lambda_1 \lambda_2$$

Como λ_1 , λ_2 tem valores aproximados façamos $\lambda_1 \lambda_2 = \lambda_2^2$, ou $\lambda_2 - \lambda_1 < \frac{3000}{v} \lambda_2^2$

Ora $v = 300.000 \text{ kil} = 300.000.000 \text{ mts}$
por seg, logo $\lambda_2 - \lambda_1 < \frac{3000}{300.000 \times 10^6} \lambda_2^2$

$$\text{ou } \lambda_2 - \lambda_1 < \frac{1}{10^5} \lambda_2^2$$

Considerando λ_1 e f_1 o comprimento de onda e frequência do heterodyne, vemos que quanto menor λ_2 , menor deverá ser $\lambda_2 - \lambda_1$ (diferença entre onda in-

cidente e do heterodyne), para que $f_1 - f_2$ se conserve dentro do limite previsto.

Assim, para uma onda incidente de $\lambda_2 = 1.000$ metros vem

$$\lambda_2 - \lambda_1 < \frac{1}{10^5} \times 1000^2 < 10 \text{ mts; para } \lambda_2 = 750 \text{ mts, } \lambda_2 - \lambda_1 < 5,60; \text{ para } \lambda_2 = 500 \text{ mts } \lambda_2 - \lambda_1 < 2,50$$

Quer isto dizer, que os comprimentos de ondas do heterodyne só se poderão afastar de λ_2 de quantidades menores que as encontradas nos 3 casos acima e isto, para que $f_1 - f_2$ seja menor que 3000 e haja som no telephone. Assim, quando $\lambda_2 = 1000$, a onda λ_1 poderá variar abaixo de 1000, até proximo de 990 metros e acima de 1000, até proximo de 1010 metros. E' logico que se 2 ondas, $\lambda_2 = 1000$ e $\lambda_3 = 1.006$ metros, incidissem sobre a antenna de recepção, bastaria regular o heterodyne para $f_1 = 904$, para que só fosse possível a recepção da onda λ_2 e isto porque $f_1 - f_3$ seria maior que 3000.

Sob o ponto de vista do rendimento na recepção, existem ainda duas grandes vantagens:

1.ª Maior sensibilidade na recepção por heterodyne que na recepção ordinaria, accrescimo de sensibilidade que vem em proveito do alcance, para a mesma potencia de emissão. E' isso devido:

a) às vibrações da placa telephonica que pôdem ser levadas á intensidade maxima, fazendo a coincidencia entre o periodo proprio da placa e o das oscillações resultantes que actuam sobre a placa; isso é sempre possível agindo sobre o heterodyne, até que estabelecido o synchronismo, se obtenha um som maximo no telephone.

b) ao augmento no rendimento do detector.

Para verificarmos essa asserção (augmento de rendimento do detector), vamos estabelecer o valor da corrente media detectada, no caso das oscillações amortecidas e comparal-o com o da corrente media obtida na recepção com heterodyne.

Os detectores utilizados na recepção de oscillações amortecidas têm como efecto, suprimir uma das meias oscillações recebidas ou estabelecer uma diferença entre as amplitudes das meias oscillações superiores e inferiores.

Si traçarmos as curvas caracteristicas dos detectores, referidas a um sistema de eixos, em que sobre o dos x são marcados os potenciaes das oscillações incidentes e sobre o dos y , as amplitudes dessas oscillações, teremos: Para o caso dos detectores, que supprimem umas das meias oscillações, fig. 7; para o caso dos

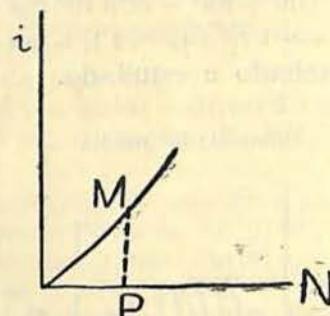


Fig. 7

detectores que estabelecem uma diferença entre as meias oscillações superiores e inferiores, figura 8.

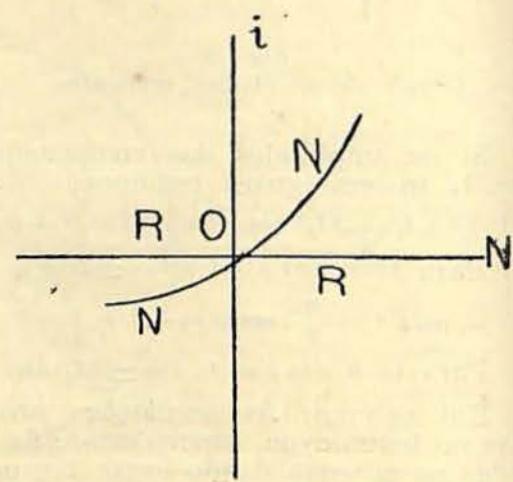


Fig. 8

Nos dois casos acima, podemos assimilar as porções de curva OM, ON e ON, correspondentes a pequenas variações do potencial v , a ramos de parabolas, que terão para representação a equação genérica $i = f(v^2)$ ou melhor; para pequenas variações de potencial das oscillações incidentes, a amplitude da corrente detectada é proporcional ao quadrado desse potencial.

Os trens de ondas amortecidas, ao attingirem o apparelho de recepção, sof-

frão detecção total ou parcial de uma das suas meias oscilações dando, como resultado, oscilações de amplitudes proporcionais aos quadrados das variações do potencial, porque $i = f(t)(v^2)$. Assim nas figuras 9 e 10 as curvas I, das corren-

Estabelecido esse princípio voltemos ao caso do heterodyne e chamemos v_1 e v_2 respectivamente, as amplitudes máximas das potências das oscilações do heterodyne e as captadas na antena; a amplitude resultante será dada pela

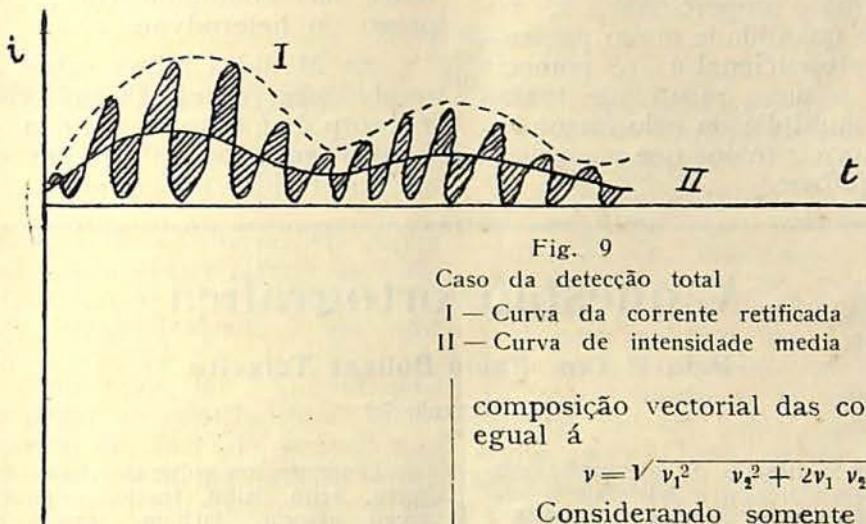


Fig. 9
Caso da detecção total

I — Curva da corrente retificada
II — Curva de intensidade media

tes retificadas, terão suas ordenadas i proporcionais aos quadrados de v . As curvas II, das intensidades medias, obtidas pela separação das áreas alternadas

composição vectorial das componentes, e igual à

$$v = \sqrt{v_1^2 + v_2^2 + 2v_1 v_2 \cos \varphi}$$

Considerando somente a incidência das oscilações de potencial v_2 , a corrente media detectada será proporcional à v_2^2 , em vista do princípio acima. A introdução do heterodyne dará logo a uma corrente media detectada, proporcional ao quadrado da amplitude do potencial da oscilação resultante, conforme o mesmo princípio, logo a v^2 ; mas,

$$v^2 = v_1^2 + v_2^2 + 2v_1 v_2 \cos \varphi = v_1^2 + v_2^2 + 2v_1 v_2 \times \cos 2\pi \left(\frac{1}{T_1} - \frac{1}{T_2} \right) t; \text{ portanto proporcional à } v_1^2 + v_2^2 - 2v_1 v_2 \cos 2\pi (f_1 - f_2) t$$

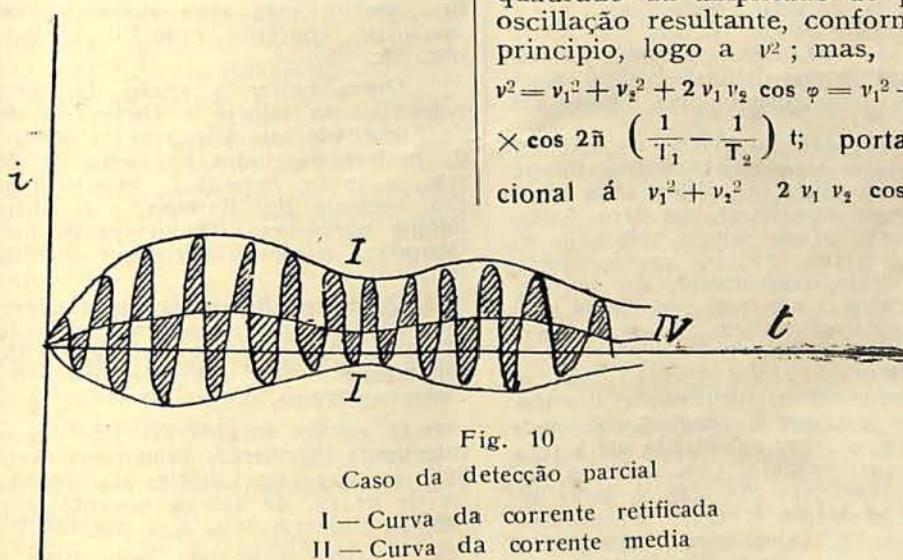


Fig. 10
Caso da detecção parcial

I — Curva da corrente retificada
II — Curva da corrente media

eguais, terão suas ordenadas proporcionais as amplitudes das curvas I; logo, proporcionais aos quadrados de v .

Em resumo, para cada oscilação, a intensidade media detectada é proporcional ao quadrado da amplitude de força electro-motriz.

Os dois primeiros termos são constantes, e correspondem à valores constantes da corrente media, por consequência, sem ação sobre a placa telephonica.

Essa corrente constante junta sua ação à força magnética do iman do phone de recepção.

O terceiro termo $2 v_1 v_2 \cos 2\pi (f_1 - f_2)$ corresponde à corrente media variável, de frequência $f_1 - f_2 = \frac{1}{\theta}$, unica que tem ação sobre a placa, fazendo-a vibrar. Enquanto que na detecção sem heterodyne, a corrente media é proporcional à 2.ª potencia de uma quantidade muito pequena (v_2^2), aqui é proporcional à 1.ª potencia v_2 , portanto, a uma quantidade maior, e vem ainda, multiplicada pelo factor $2v_1$ que se pode tornar maior que v^2 , agindo sobre a heterodyne.

Esta amplificação da corrente media que age sobre o phone, traz um considerável aumento na sensibilidade da recepção.

D'ahi os alcances consideráveis obtidos, nas comunicações, com o emprego do heterodyne.

2.ª Medidas feitas sobre a corrente recebida na antena, têm mostrado que a absorção na propagação das oscilações é maior para ondas contínuas que para as amortecidas.

A questão ortográfica

Pelo 1º Ten. Paulo Bolívar Teixeira

(da Engenharia)

E' animador o triunfo da ortografia simplificada, oficial em Portugal e aplaudida e adoptada no Brasil pelos que estudam a língua à luz da ciência. Grande, é certo, é o numero dos que, rotineiros, ainda se apegam ás canhestradas formas obsoletas.

Simplificar a ortografia, desprezando inutíes grupos consonantais e vogais espúrias como *ph*, *th*, *y*, *ch=q*, *k* e *w* por seus valores reais e simples *f*, *t*, *r*, *i*, *q* ou *c*, *v* ou *u*, não é pôr de lado a decantada etimologia.

Etimologia, no sentido técnico, não é levar o vocabulário á fonte latina, saltando, desprezando as formas intermediárias. Isso é alatinizar a palavra ressuscitando uma língua em desuso.

E' preciso preparar o terreno no Exército porque a ortografia simplificada, talvez dentro de três anos, será oficial no Brasil. Ela ainda não venceu porque cometemos um erro fundamental: entregámos o seu estudo a homens de letras, literatos, meros artistas, quando devíamos fazê-lo a linguistas, homens de ciência. Ora, a nossa Academia não está aparelhada para a questão, porque em seu seio há uma percentagem esmagadora de literatos.

Vamos tentar um rápido escorço sobre o assunto, estudando alguns pontos da questão. Temem os rotineiros que a simplificação abale os alicerces da língua, impossibilitando até a procura da origem do vocabulário. Ora, todos sabem, pela Gramática Histórica, que não é pelas letras, mas pelos sons que se chega ao conhecimento das origens. E' falso, pois, o argumento.

O grande Pascal disse: Os homens são quase sempre levados a crer, não pela prova, mas pelo agrado.

Fica assim justificado o agrado ás formas ditas usuais.

O golpe mortal na ortografia chamada usual, é por certo a incoerência. Assim vemos: signal e sinete, caderno e quatorze, enxuto e fructo, vacca e vaqueiro, sete (septe) e escripta e milhares de outros pares desacordados e mancos.

Lancemos um golpe de vista sóbre: acordo, chucro, geito, tribu, fructo, sulphurico, socego, pecego, assucar, fachina, serralheiro, hontem, hombro, humido, aza, ancia, concerto (remendar) magestade, xarque, etc. Qualquer moderno dicionário (mesmo não fonético como dizem por aí) nos mostra que a grafia correcta d'estes termos é: acôrdo, xucro, jeito, tribo, fruto, sulfúrico, sossêgo, pêssego açucar, faxina, cerralheiro (pois cerrar, fechar é com *c*) ontem, ombro, úmido, asa, ansia, conserto (concertar é concordar, concerto, reunião), magestade, charque, etc.

Quem quiser a razão das grafias reputadas lidimas folheie o Dicionário de Cândido de Figueiredo que é escrito na ortografia usual, de preferência, todos os livros de Mário Barreto, a maior autoridade brasileira em linguística, segundo Rui Barbosa, e o Alcorão da filologia portuguesa «A ortografia nacional» de Gonçalves, a maior autoridade mundial na matéria.

Quem se não quiser aprofundar, mas praticar na ortografia simplificada, consulte o Pronunciário de Ortografia de Antônio da Costa Leão, conjuntamente com o Vocabulário ortográfico de Gonçalves Viana.

O cavalo de batalha dos da ortografia complicada (Nitheroy, vejam que exemplo! uma índia da terra de Euclides da Cunha, com trajes de grega, da cabeça aos pés) o cavalo de batalha, disiamos nós, é a acentuação.

Preguiça e só isto, pois quem desperdiça tinta em pôde, pode fazê-lo em pôde.

E, como diz Mário Barreto, para distinguir dois cães basta a coleira num. A ortografia não se impõe. Não se visa vencer, mas convencer.

Disse alguém: «Pode desculpar-se a ignorância, mas o disparate não tem perdão».

E' preciso de que nos convençamos de que não só na guerra, mas na paz também, só vence o que é simples.

Artilharia — Exercícios na carta

(Para um P. A. M.)

Do livro do Major Sílio Portella

Marcha de aproximação de uma vanguarda

(Continuação)

QUESTÕES PARA CAPITÃES

6.ª Questão — Acompanhamento immediato

O problema da artilharia, em ultima analyse, reduz-se a «fazer chegar um projectil — mais ou menos carregado de explosivo — ao logar desejado e no momento preciso».

Este problema, tão simplificado quando proposto ao canhão, já se complica um pouco em face do pessoal que lida com a peça; este já precisa saber a natureza do projectil, se o tiro é de precisão ou sobre zona, se o projectil tem de arrebentar no ar ou contra o solo.

Subindo-se a escala hierarchica dos commandos, aquelle mesmo projectil que parte do canhão e vai arrebentar no logar desejado e no momento preciso, adquire fórmas variadas de applicação, enchendo a technologia do artilheiro com barragens, concentrações, tiros de varrer, de cegar, de deter, interdições, inquietações, destruições e ainda outras modalidades, collocando aquella mesma peça em preparação, em acompanhamento immediato, em apoio directo, contra objectivos fugazes, etc.

No meio de tantas questões, não é de admirar que se tenha certo embaraço em applicar esta gamma variada do emprego da artilharia em combate.

A seguir será discutida a razão de ser de algumas dessas applicações, entre as que pôdem encontrar guarida no exercicio que estudamos.

Valeria a pena attribuir Bias, ou fracções de Bias, em *acompanhamento immediato* aos Btls. dessa vanguarda?

Tratando-se de operações que se iniciam por um periodo de engajamento,

poderia parecer, á primeira vista, que tal emprego de artilharia fosse vantajoso, no caso em estudo.

Ora, o emprego da artilharia em acompanhamento immediato é uma consequencia da difficultade de transmissões; no dia em que estas forem, em qualquer situação, instantaneas, não haverá mais artilharia em acompanhamento immediato; é sabido que mais vale o efecto produzido em 12 disparos, de uma só vez, por um grupo, do que o resultante de 12 tiros successivos por uma ou duas peças.

Em um periodo de engajamento, onde as resistencias passíveis de um tiro de artilharia vão surgindo com a progressão das forças, a transmissão de certos pedidos de fogos pôde demorar o tempo suficiente para que se perca a oportunidade d'otiro, se a artilharia de apoio estiver afastada dos elementos mais avançados; e este afastamento é sempre imposto pela vulnerabilidade da arma. Dahi resulta a vantagem de destacar mais para a frente *pequenas* fracções de artilharia em acompanhamento immediato, cujo *vulto minorado* permite a ocupação de posições a coberto da ultima crista em face do adversario.

Mas, ao sahir de N. E. de BROTAS, para vencer essas pequenas resistencias, os Btls. da vanguarda pôdem contar com as suas Mtr. L., Mtr. P., canhões 37 e Stokes; e quando for reclamada a artilharia para resistencias maiores, não será demorada a satisfação do pedido, pela facilidade que o terreno offerece entre CUIAS e Faz. PAINEIRA: bôa estrada no eixo de marcha, successão de cristas approximadas.

Não ocorreria o mesmo caso se, com antecedencia, fosse reconhecida a existencia de elementos de trincheira na zona de marcha, se a artilharia tivesse de seguir a infantaria amiga com longas marchas por fóra das estradas, ou se grandes distancias entre as cristas obrigassem a

(*) Mais ou menos 9h,45'; tudo depende da aproximação feita pelo Btl. da testa.

artilharia a um maior afastamento dos elementos mais avançados.

Os incidentes de Faz. BOM RETIRO e Cel. NOVAES não são bastantes para a exigencia de artilharia em acompanhamento immediato; o facto de não poder o R.C.D. continuar a sua progressão, não significa que tambem não o possam fazer os Btls. de infantaria para lá orientados, com meios de fogos muito mais poderosos.

Além disso, ha a considerar a impropriedade do material de que dispõe o Gen. Z. para o acompanhamento immediato: os regulamentos insistem na apropriação do *material de montanha* para tal mistér. A razão disso está ligada ainda á questão de mobilidade e vulnerabilidade.

Por um lado, comprehende-se a necessidade de frequentes mudanças de posição com a artilharia de acompanhamento immediato, sempre a se deslocar quando a infantaria amiga toma pé na crista seguinte á que lhe serve de cobertura; relativamente facil com o canhão de montanha, não será um sport muito agradável de realizar com o canhão 75 A. M., por fóra das estradas, subindo acclives com os seus 1.800 kgs. e continuamente ultimando o lanço em manobra de força, para approximar o material da crista.

Por outro lado, mesmo um só canhão e o respectivo carro de munição, quando atrellados, já mostram um vulto notável na proximidade das primeiras linhas, sendo rapidamente paralysados com o ferimento de um animal. E' uma consideração a não despresar, quando são conhecidos os cuidados especiaes que cercam a approximação das primeiras linhas com os *carros de assalto*, muito menores e mais protegidos do que uma viatura-peça com os seus animaes de tiro e guarnição.

Não quer isto dizer que os 75 A. M. não possam ser empregados em acompanhamento immediato; em caso de perseguição energica, por exemplo, vale a pena arriscar tudo para aniquilar o adversario.

7.^a Questão — Contra-bateria

Aquelles arrebentamentos de projectis na elevação immediatamente ao N. de Cor. MUNDO NOVO provocam desejos de fazer calar a bateria inimiga que tão mal acolhe a cavallaria amiga.

Entretanto, o Gen. Cmt. da vanguarda não pôde attribuir á sua artilharia a missão de «contra-bater a artilharia do adversario».

Effectivamente, a acção sobre as Bias. inimigas tem de ser transferida para mais tarde; é de esperar que esses dois grupos do 6º R. A. M., que apenas chegam á região em que operam, não consigam, no periodo de engajamento da vanguarda, descobrir as posições de Bias. inimigas já cuidadosamente ocupadas. A antecipação das forças do Norte no valle do Rib. FEIJÃO lhes deu tempo sufficiente para a escolha de posições bem desenfiadas, o que certamente não custou grandes pesquisas, devido ao grande numero de depressões de terreno, não raro profundas, existentes na zona ainda não conquistada pelas tropas do Sul. Então, as Bias. não serão vistas dos observatorios terrestres, unicos utilizados pela vanguarda do Gen. Z.

Essas Bias. inimigas não ficarão impunes; com um pouco mais de tempo chegará o grosso da D. I., com material mais apropriado á contra-bateria e, principalmente, com meios de investigação efficazes: aviação, photographia aerea.

E' preciso não esquecer que a tropa do Gen. Z. não está só; ella é a vanguarda de uma divisão cujo Cmt. marcha no seu *corpo*. Ao lado delle está o Cmt. da A. D. que, a taes horas, talvez já tenha conhecimento do resultado dos vôos da manhã; não é difficult que já se esteja providenciando sobre o apreço que merecem as posições de artilharia inimiga porventura descobertas.

8.^a Questão — Interdicção

Os fogos de interdicção se fazem lembrados por causa daquelle Btl. inimigo que, de Faz. SANT'ANNA, se dirige para Faz. PAINEIRA.

Essa interdicção, porém, não poderia ser levada a effeito nas condições em que os acontecimentos se passam.

Em primeiro logar, naquelle momento, no instante em que o I Btl. vai atacar BOM RETIRO e o II Btl. se approxima de Cel. NOVAES, os dois grupos que os apoiam têm cousa muito mais séria a tratar immediatamente, á frente dos escalões amigos mais avançados. O

que interessa então é o proseguimento da missão dada aos dois Btls., a posse dos primeiros objectivos que lhes forem assignalados e que se acham approximados, não se devendo distrahir meios para intervir a cerca de 10 kms. de distancia, contra uma ameaça que só se tornará realidade algumas horas depois.

Além disso, o exame da carta mostra que a estrada em que o Btl. adversário marcha, está completamente desenfiada ás vistas dos observatórios da vanguarda. Este Btl. se revelou a uma ponta de cavalaria lançada para os lados de Faz. SANT'ANNA; mas, depois de ter esta informação chegado ao Gen. Cmt. da vanguarda e este, por sua vez, ter dado conhecimento ao Cel. do 6º R. A. M., ninguém mais saberá onde anda o Btl. nesses 7 kms. de estradas.

Bater systematicamente um trecho tão longo, seria um desperdício de munições para resultados muito aleatórios, e uma diversão de fogos incompatível com as operações activas que se desenrolam á frente dos dois Btls. de ataque.

Releva ainda notar que esse tiro systematico ao longo da estrada Faz. SANT'ANNA-Faz. PAINEIRA não constituiria interdição alguma, por não impedir que a marcha do Btl. proseguisse. A interdição poderia ser alvitrada com tiros sobre a ponte de Faz. SANT'ANNA, se o Btl. inimigo ainda não tivesse por aí passado; mas, então, seria necessário atribuir-lhe um grande consumo de munições.

9.ª Questão — Barragem

E' um sistema de fogos fascinante... Uma vez que o I Btl. tem de entrar em BOM RETIRO, e o II nas alturas a O. de Cel. NOVAES, uma barragem rolante á frente de cada Btl. pareceria indicada para fazer limpar o caminho que conduz ao bom exito da operação.

Mas, examinemos detidamente o caso proposto.

Qual seria a densidade dessa barragem? Os Btls. de vanguarda se engajam necessariamente em uma frente muito larga; as vanguardas não devem temer a ocupação de grandes extensões no sentido da frente; é mesmo necessário que assim procedam, para garantir a posse

de pontos de apoio que servirão de base á manobra do grosso, se a sua intervenção for necessaria.

Assim, o grupo de apoio ao Btl. que se engaja na direcção de BOM RETIRO ou Cel. NOVAES, dar-lhe-ia uma barragem de densidade insignificante se quizesse cobrir toda a extensão da frente de ataque, ou cobriria uma frente muito menor que a da unidade que elle se propunha acompanhar com seus fogos, ao contentar-se em bater uma frente compatível com uma bôa densidade de arremetimentos.

Ha ainda mais: o consumo de munições em uma barragem, mesmo de curta duração, é muito grande relativamente á quantidade de projectis que aquelles dois grupos possuem para todas as operações do dia, inclusive a tomada da crista ao S. de Faz. PAINEIRA, onde se supõe que as acções de artilharia têm de ser mais energicas.

Ainda uma razão, e esta de ordem technica: a barragem necessita de uma linha de partida bem definida no terreno, á qual se vem collar a infantaria amiga, sem o que perderia a protecção que a cortina de fogos lhe offerece. Ora, atendendo um pouco ao mecanismo de engajamento de uma vanguarda, vê-se a impossibilidade de saber com exactidão em um momento dado, onde se acham as testas de coluna de infiltração; e, mesmo que se viesse a saber, nos cinco minutos seguintes tudo estaria modificado.

A definição exacta dessa linha é essencial para o artilheiro; do contrario não será possível fazer partir a barragem rolando sem riscos de atingir as tropas amigas.

10.ª Questão — Concentrações sucessivas

No caso de que nos ocupamos, a maneira mais conveniente de conduzir os fogos de apoio á progressão dos Btls. consiste em concentrações rápidas e violentas, porém, intermitentes, sobre os pontos que forem indicados pela manobra da infantaria.

Não bastando tais meios, isto é, sendo sérias as resistências encontradas, torna-se, então, necessário concertar uma

operação como o grupo de apoio. O efecto a conseguir pelos fogos do grupo é o de *neutralização* do inimigo nos pontos de apoio naturaes em que elle se mante: as concentrações massicas, embora de curta duração, realizam cabalmente esse *desideratum* porque, tendo o adversario supportado a consequencia brutal de uma rajada de projectis de 75, não recuperará rapidamente o sangue frio necessario á utilização immediata de suas armas. Este resultado será mais duradouro se as concentrações forem seguidas de tiros isolados de uma ou duas peças.

A infantaria amiga aproveitará a neutralização, quer para ocupar directamente o ponto de apoio neutralizado, quer para continuar a progressão de um lado e outro desse ponto, de modo a tirar proveito de todas as vantagens proporcionadas pelo contorno e pelo envolvimento.

O essencial a uma artilharia que apoia a Vg. em marcha de approximação, é realizar a perfeita concordancia de esforços com a infantaria apoiada.

Esta concordancia deve ser mantida no espaço, entendendo-se por isto que a artilharia actuará sucessivamente sobre as resistencias proximas que se oppuzem pouco a pouco á marcha da infantaria, e não sobre as afastadas, que constituem perigo longinquio, fóra da missão de apoio imposto á artilharia (exemplo: batalhão de infantaria visto em Faz. SANT'ANNA).

A concordancia deve tambem realizar-se no tempo, o que significa para a artilharia promover a neutralização quando a infantaria pôde aproveitá-la, saltando sobre o adversario ou contornando-o pelos flancos.

Isto exige do Cmt. de artilharia da Vg. um especial cuidado nas ligações com a sua infantaria para que, a cada momento, saiba o que ella vae fazer e até onde é possivel ao artilheiro auxiliar-a.

A intimidade com a infantaria é assegurada pela proximidade dos respectivos P.C., pela observação constante da zona de accão e pelos agentes de ligação lançados o mais possivel á frente.

A conducta deste Commando deve ser pautada pela vontade energica de bem cumprir a missão, a despeito de todas as deficiencias, irregularidades e acciden-

tes ou da falta de esclarecimentos e intercorrencia de ordens mal redigidas, de tudo emfim que gera as difficolidades costumeiras do campo de batalha.

O Cmt. de artilharia de vanguarda deve procurar inteirar-se, o mais cedo possivel, dos acontecimentos que se desenrolam e do plano de manobra da infantaria amiga, de modo a fazer obra de previsão sem se deixar surprehender pela successão dos factos. Para isso, mesmo em marcha, deve informar-se continuamente dos successos, procurando saber as eventualidades encaradas no plano de manobra do commando a que está subordinado, inteirando-se das ordens que estão sendo expedidas e lendo por cima dos hombros, com toda a indiscreção, as informações que chegam da frente e são dirigidas a outrem. Por seu lado, e por sua exclusiva iniciativa, cuida de ir escalonando os recursos de suas forças na medida dos acontecimentos, de maneira a oriental-as para os pontos desejados com oportunidade, vencendo os embaraços que se lhes antepõem. Deve fazer prova de uma actividade incansavel, ordenando reconhecimentos, trabalhos topographicos, ocupação de posições pelas Bias., deslocamento para sitios mais avançados, tudo isto antes de lhe chegar ás mãos a famosa ordem de operações...

O chefe artilheiro de vanguarda que, ao revez disso, mette-se na columna para aguardar ordens, por mais profundos que sejam os seus conhecimentos, apresentará certamente uma artilharia mediocre.

Porque, em conclusão, o «exito depende muito mais do vigor e da tenacidade na execução do que da habilidade das combinações».

QUESTÕES PARA TENENTES

11.^a Questão — Situação da artilharia na divisão

Voltemos ao inicio do deslocamento da III D. I., na manhã de 6 de Maio, e examinemos a situação dos diferentes elementos de artilharia na columna em marcha, antes da necessidade de marchar por lanços e escalões successivos, imposta á artilharia da VG.

Esta é constituida por um grupo: o I/6º R. A. M. No momento em que o

Cmt. III D. I. recebe as informações da sua cavalaria, onde se acha esse grupo?

A aviação do dia 5 nos dá o inimigo estabelecido defensivamente na região ao N. do Rib. do FEIJÃO; viu mesmo pequenas columnas a passarem esse rio na região Faz. PAINEIRA, em marcha para o Sul.

Quer isto dizer que a vanguarda do Gen. Z. deve contar com um engajamento na jornada de 6, e porque se vai engajar, o grupo de artilharia atribuído à vanguarda deve ser lançado tanto quanto possível à frente, de modo a poder intervir rapidamente na acção.

Por outro lado, a artilharia, em princípio, é disposta na columna de modo que o fogo eficaz da artilharia inimiga não a atinja em formação de estrada.

Ante esta ultima exigencia, o grupo poderá marchar além dos Btls. do corpo da vanguarda; seu lugar na columna será no proprio corpo ou atrás delle, no espaço que o separa da frente do grosso.

A escolha de uma ou outra situação não é arbitaria: o terreno é que a indica.

Se a zona de marcha fosse fortemente accidentada e coberta, o grupo poderia marchar enquadrado no *corpo*, precedido por uma tropa de infantaria, um Btl. no minimo.

Mas, o exame da carta na zona de marcha da columna mostra que o terreno, embora ondulado, tem grandes planícies perfeitamente visíveis das alturas que bordam o Rib. do FEIJÃO. Marchando, então, em zona de extensos horizontes, é mais prudente colocar o grupo depois do *corpo*. Os 6 ou 7 kilometros que o separam da ponta de sua vanguarda, deixam-no a uma dezena de kms. das posições possíveis da artilharia inimiga.

Essa disposição — artilharia depois do corpo da vanguarda — é a que deve ser mais geralmente adoptada entre nós, principalmente se attendermos ao terreno desampado e de vastos horizontes do Sul do nosso paiz.

Assim, ás 7h,15' a testa da columna de viaturas attingirá CUIAS, ou talvez se acha a 2 ou 3 kms. mais ao Sul, porque o espaço entre a vanguarda e o grosso proporciona ao grupo marcha livre,

independente dos altos da columna, dando-lhe oportunidade de desenvolver mais a andadura dos cavallos, com altos mais prolongados que os das tropas a pé.

Para que, entretanto, se faça sentir a intervenção rápida do grupo no provável engajamento da Vg., os seus elementos de reconhecimento são lançados á frente:

a) O major Cmt. junto ao Gen. Cmt. da vanguarda, acompanhado do primeiro escalão de reconhecimento do grupo (collo 4 kms. N. de CUIAS).

b) Os capitães das Bias., com o segundo escalão de reconhecimento, testa do *corpo* da vanguarda (2 kms. ao N. de CUIAS).

c) As viaturas de reconhecimento em terceiro escalão, á testa da columna de peças.

— Os demais elementos da artilharia da III D. I., onde se acham?

O Gen. Cmt. da A. D., junto ao Gen. Cmt. da III D. I., em CUIAS.

O resto do 6º R. A. M. (dois grupos) no grosso da D. I., logo depois do batalhão testa, na ordem — II e III grupos — pois que na «situacao particular» se viu que o Cmt. da D. I. mandou avançar o II, o que significa a sua colocação na columna antes do III.

— O Cmt. do 6º R. A. M., que deve intervir com os seus II e III grupos nas acções a se desenvolverem na frente, marcha entre a testa do grosso divisorio e a retaguarda do I grupo, seguido do primeiro escalão de reconhecimento do II grupo.

— O restante da A. D. virá intercalada na infantaria do grosso: depois do 6º R. A. M., os dois Btls. do R. I. testa, seguidos do outro R. A. M., do G. Mth., dos dois outros R. I. e, finalmente, do R. A. P. da D. I.

Eis ahi um dispositivo para a marcha dos diversos elementos de artilharia da divisão. A successão dos que acompanham o grosso da D. I. pôde ser alterada, de acordo com a urgencia do emprego previsto nas operações da frente.

Assim, o grupo de Mth. marchará á frente do 5º R. A. M. se for manifesta a sua utilização em primeira necessidade.

Do mesmo modo, o R. A. P. poderá preceder o 5º R. A. M. e o 3º G. Mth., se o seu accionamento parecer necessário desde o inicio das operaçōes do dia 6.

Convém notar ainda que esta disposição corresponde á marcha da divisão em columna unica; no caso de varias columnas — como, aliás, é possível com a rede de estradas da zona de marcha — o fraccionamento e successão das unidades de artilharia seriam evidentemente outros.

12.ª Questão — Reconhecimento de posições

Tomemos as operaçōes de reconhecimento de posições, depois de resolvida a marcha do I grupo por lanços e escalões sucessivos, para apoiar a marcha de aproximação do I Btl.

Por determinação do Major Comandante, o official orientador do grupo parte para a depressão ao S. do collo, a escolher a posição da Bia. testa da columna de viaturas.

O major atravessa o collo e, pessoalmente, vai reconhecer uma posição para as duas outras Bias., na depressão imediatamente a N. E.

Assentadas uma e outra, o Cap. da Bia. testa é chamado ao official-orientador e os dois outros ao Major do grupo. A Bia. testa é encaminhada em andadura viva á posição, passando pela esquerda da columna de infantaria (pela esquerda porque neste momento o II/9º R. I. deixa a estrada de marcha orientando-se para N. E., em direcção a Cel. NOVAES).

As outras duas Bias. cerram sobre a cauda do III Btl. E, assim que o I Btl., testa da vanguarda, tiver progredido suficientemente para proteger a ocupação de posição a N. E. do collo, ambas são chamadas ao accionamento, passando desta vez pela direita do III Btl., que continua em marcha pela estrada.

A C. L. M. provisoriamente não passará CUIAS, as munições dos carros das Bias. serão suficientes para as acções iniciaes.

Tendo o Major reconhecido a depressão N. E. do collo, parte para a crista ao N. afim de acompanhar os movimen-

tos de approximação do Btl. Em quanto isso ocorre, os Caps. das duas Bias. ficam a preparar o tiro, sendo um delles encarregado de reconhecer ahi uma terceira posição, onde eventualmente virá ter a Bia. que ficou ao S. do collo.

Vê-se que não ha disposições rígidas para a execução dos reconhecimentos na artilharia: em uma mesma operação, acham-se simultaneamente o tenente orientador, o Major do grupo e os Caps. de Bias.

Regressando o official orientador ao observatorio do Major, onde encontra prestes a determinar, se necessário, a abertura do fogo para a progressão da infantaria, recebe novo encargo: effectuar reconhecimentos na ravina «Cor. MUNDO NOVO», cuja ocupação permitirá a todo o grupo atirar sobre Faz. PAINEIRA ou mais além.

O reconhecimento é feito e, desde que o I/9º R. I. atinja a ravina ao S. de BOM RETIRO, a Bia. em posição ao S. do collo virá situar-se no valle do Cor. MUNDO NOVO. Continuando favoraveis as operaçōes do I Btl., as duas outras virão, por sua vez, para esse valle, posição final do grupo nas operaçōes até agora previstas.

Assim será feita a marcha por lanços e escalões. Sendo o grupo constituído por tres Bias., forçosamente os escalões são desiguais: um formado por uma Bia. e outro por duas. Esta repartição é obligatória todas as vezes que um só grupo é encarregado de apoiar a progressão com o avanço do material.

Se tal artilharia fosse constituída por mais de um grupo, já então os escalões seriam compostos por *grupos inteiros*, a menos que tivessem de operar em zonas diferentes.

Eis ahi como o I grupo escalona as suas possibilidades de fogo. Deve-se notar que, com o dispositivo tomado, se, no inicio, uma reacção inimiga atira fóra de suas posições o 3º R. C. D., cujo grosso está na garupa ao N. do Cor. MUNDO NOVO, a Bia. em posição a S. do collo completará o apoio que, necessariamente, o Btl. testa prestará aos cavalleiros. Se as columnas de approximação desse Btl. têm os passos disputados ao subirem a garupa ao Norte do Cor. MUNDO

NOVO, então, mais duas Bias. — as de N.E. do collo — estarão promptas para secundarem a do sul em sua acção contra as resistencias oppostas. Emfim, se a acção sobre BOM RETIRO exigir esforço sério da parte do I Btl., todo o grupo já ao norte do collo de CUIAS, estará em condições de coroar com seus fogos a zona de ocupação adversa.

13.^a Questão — Baterias destacadas

A proposito do deslocamento do III Btl. para o flanco esquerdo da vanguarda, afim de attender á ameaça esboçada pelo Btl. inimigo que atravessou a ponte Faz. SANT'ANNA, poder-se-ia ter sugerido destacar uma Bia. do I grupo para acompanhar as operaçōes desse Btl., apoiando-o possivelmente no valle do rio SANTA JOANNA.

Não se deve, entretanto, partir o grupo de artilharia para dar missões á parte a Bias. destacadas.

A constituição do grupo em tres Bias. de campanha, assegura-lhe uma potencia de fogos que lhe é propria e uma constituição organica capaz de cumprir uma certa missão. Uma Bia. posta de lado

para receber missões de commando, acarreta um enfraquecimento consideravel dos fogos do grupo e muito difficilmente poderá fazer alguma cosa na sua disponibilidade: primeiro, porque os fogos das suas quatro peças estão muito longe de produzir o effeito em massa que é para desejar na artilharia; segundo, porque, os meios de investigação de que dispõem as Bias. são muito precarios, não sómente em pessoal como em material.

Com effeito, a T.S.F. se encontra do escalão grupo para cima; o material telephonico da Bia. reduz-se a alguns kilometros de fio para as ligações do material ao seu P.C. e este ao seu P.O. Se for preciso um destamento de ligação, não ha no interior da Bia. elementos sufficientes para constituir-o em pessoal, ou material.

Nestas condições, a Bia. não é propria para receber «missões de fogos»; como orgão de execução, só recebe «missões de tiro». O grupo, sim, é um orgão que dispõe de meios para a realização de missão tactica. A Bia. está organizada para viver no ambito do grupo.

Major Silio Portella

A educação physica nacional — A instrucción physica militar

A proposito do apparecimento do Manual de Instrucción Physica Militar

As necessidades surgidas, devido ao grande consumo de energias humanas na Grande Guerra 1914-1918, conduziram os technicos militares a imprimirem á educação physica e á pratica dos desportos importancia consideravel.

Na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra, no Japão, em todas as potencias da Europa Central e principalmente da Alemanha, a educação physica e os desportos adquiriram os fóros de meio poderoso de educação nacional, por isso que constituem base solida na formação do individuo; tanto quanto o preparo intellectual o physico tornou-se objectivo de monta nos programmas dos governos dos citados países, e, nas realizações effectivadas e coroadas de sucesso, a iniciativa particular soube dar mão forte aos nobres intuições dos dirigentes governamentaes.

Entre nós, infelizmente, tal problema está ainda para ser encarado. Afóra os clubs de football e nauticos e alguns destes em via de am-

pliação para tornarem-se centros de educação physica, graças á orientação louvavel e lucida de seus dirigentes, nada mais existe.

No Exercito, o apparecimento do Regulamento de Instrucción Physica Militar em 1921 marca o primeiro passo na sentido da nova orientação; mas dahi, ao nosso ver, nada se tem avançado no campo official do problema.

O regulamento de 1921 pelo seu feitio obrigatoriamente succinto limitou-se a estabelecer uma directiva, principios geraes que devem presidir a instrucción physica militar propriamente dita; restringiu-se a esse aspecto muito particular do problema — educação physica dos homens sob as fileiras; não se ampliou, embora assigne sua possibilidade no prefacio, á toda a Nação; e, o que é mais importante, não pônde, por si só e sem outra intervenção, fazer surgir, de momento a outro, a mentalidade vigorosa que deve crear, impulsionar e orientar a innovação que, para ser accepta

com expontaneidade, deve impôr-se pelos seus efeitos visíveis, palpaveis e, aos olhos de todos, lucrativos.

Com o fim de sanar essa falha e para facilitar a iniciação dos novos methodos gymnas-ticos foi criado em 1921 o Centro de Instrucção Physica Militar, mas sua instalação e inauguração ficou, de caso pensado, dependendo até hoje de mestres especializados e capazes de dirigirem e orientarem a formação de instrutores especialistas. Quem tem notícia dos moldes e dos processos de execução da Escola de Joinville Ponts não pode deixar de reconhecer que não possuímos officiaes especializados em instrucção physica, capazes de dirigirem aquella formação, de organisarem e impulsionarem o laboratorio que deve ser tal centro — pesquisador dos meios e processos mais viaveis para adaptarem os melhores methodos existentes ás nossas condições particulares.

Em quanto não tivermos esses especialistas é de bom aviso não dar começo, como se tem feito até agora, ao Centro, para evitar que seu funcionamento, por força imperfeito, venha desmoralizar Instituto de tal utilidade, como é comum aos organismos que se revelam enfraquecidos desde o nascedouro.

Que estes mestres especialistas venham dos mais adeantados paizes ou que para lá enviemos nossos officiaes e sargentos em condições de virem a ser os mestres desejados, é questão de somenos importancia, já que o essencial é termos aqui os mestres capazes de porem nos trilhos a machina impulsora do grande problema do revigoramento da Raça, já que qualquer das soluções exige, como capital penhor do sucesso, a comprovada capacidade de seus executores e a conjugação das vontades de todos os departamentos nacionaes interessados na questão.

Frizamos aqui a generalização do problema mas, ao mesmo tempo, lembramos a necessidade da centralização conjugadora de esforços, de modo que a educação do organismo se estenda á toda a Nação sob uma orientação uniforme, sob a direcção e egide de um orgão central, á semelhança do que está realizado, em grande parte, no problema da educação intellectual.

Estas idéas vieram-nos á mente ao folhearmos o **MANUAL DE INSTRUCCÃO PHYSICA MILITAR** confecionado pelos Capitão Barbosa Leite e Primeiro Tenente Jair Ribeiro, quando instructores na Escola de Sargentos de Infantaria e que agora acaba de ser divulgado pelo Estado Maior do Exercito.

Dois factos confortadores devem aqui ser assinalados, por encerrarem motivo de conforto e crença nas nossas possibilidades: o esforço destes dois camaradas e a accão tenaz desenvolvida pela Liga de Esportes do Exercito no sentido de approximarem o problema da educação physica de sua solução desejada e satisfactoria. São esforços isolados, dispersos, por enquanto, mas que queremos sejam acompanhados de perto pelos gestos realizadores dos dirigentes das causas publicas.

O Manual de Instrucção Physica Militar vem á luz após varios annos de porfiados estudos e pratica dedicada durante o largo tempo

em que seus autores tiveram a seu cargo tal ramo de instrucção na Escola de Sargentos. Não tem seus autores as credenciais de um curso especializado, como é vantajoso que aconteça a quem doutrinar sobre assumptos de tal magnitude, porem apresentam-se como estudiosos e aplicadores conscientiosos dos principaes mestres do assumpto em França. A falta de experiência pessoal, obtida em laboratorio especializado de educação physica, procuraram os dois officiaes suprir com os conselhos dos mestres, tais como Hebert, Amoros, Bellefon-Marul e Boigey, este ultimo actual Medico-Chefe da Escola de Joinville e da ultima edição do Regulamento Geral de Educação Physica Francez.

E' principalmente em face deste ultimo regulamento que resalta a oportunidade do Manual. De facto, sabido é que depois da publicação do nosso regulamento de instrucção physica, os franceses ampliaram extraordinariamente a codificação da educação physica; deram-lhe o aspecto de verdadeiro plano de educação physica nacional destinada á infancia, ás edades adulstas e madura; desceram a todos os detalhes de execução; e o que é importante incluiram noções de pedagogia applicadas á instrucção physica. Deante de tal evolução não se justifica que continuemos dentro dos limites restrictos do Regulamento 1921, verdadeira tradução de L'Entrainement Physique du Combatant de 1918. E foi comprehendendo tal estado de cousas que os autores do Manual se abalancaram em pre-ceder a iniciativa da regulamentação official, procurando contudo respeitar em linhas geraes as prescrições do regulamento vigente. O esforço dos dois distintos officiaes não se limitou tambem á transplantação dos textos franceses; não esqueceu as condições de nosso meio. Além do meticuloso cuidado em tornar claros e comprehensiveis todos os preceitos gymnasticos, ha a salientar no Manual notavel trabalho de adaptação quando se trata de fixar os indices do valor physico do individuo e quando não se esquece de nossa nacional capoeiragem na luta corporal.

Não resta a menor duvida que o problema da Educação Physica apresenta complexidade consideravel e ainda não posta em equação pelos que tem responsabilidade em sua solução ou pelos que della tem cogitado. Não é pelo simples facto de ordenar-se a realização de exercícios gymnasticos nas escolas publicas e de fomentarem-se competições desportivas nas escolas, nos meios desportivos civis e nos quartéis que se conseguirá resolver o problema. Estas iniciativas não podem alcançar outro objectivo que não o da propaganda do reclame da utilidade, das vantagens e necessidades em educar-se o organismo para tornal-o mais sô, mais viril; não podem visar senão o despertar de todas as iniciativas particulares e publicas no sentido de uma realização generalizada do problema.

São por isso aconselhadas e louvaveis.

Dentre elles devemos destacar a incentivação dos desportos nas escolas municipais do Distrito Federal, graças ao atilado e empreendedor espirito do Dr. Carneiro Leão, Director da Instrucção, mas permitta-nos este digno educador ligeira advertencia que certamente ha de ter ensombrado suas visões idealistas e

seus projectos alevantados: não será perigoso, não será de efeitos desastrosos o entregar-se a educação physica da infancia a quem não dispõe de sufficientes conhecimentos do assumpto? não se deve ter receio de prejudicar o desenvolvimento infantil com a pratica e dosagem de exercícios violentos ou incompatíveis com o organismo em formação da creança? bastará ter lido algum tratado de Gymnastica e assistido algum curso improvisado para habilitar-se um leigo na educação physica da infancia? Temos visto em varias escolas municipaes a educação physica entregue a professores de aspecto physico pouco recommendavel para tal mister e não nos consta terem frequentado cursos praticos perfeitos que lhes ministrassem as habilitações necessarias e indispensaveis; e somos de parecer que, apesar de toda a bôa vontade, de que naturalmente se revestem taes professores, não lhes é possivel suprir a falta de experienca pessoal, só peculiar aos mestres especialistas que sabemos ainda não existirem entre nós.

Estes ligeiros commentarios contribuem para estabelecer os termos em que deve ser encarada a Educação Physica Nacional. É preciso em primeiro logar que a solução seja estudada e procurada não somente pelos responsaveis nas forças armadas mas ainda pelos dirigentes de todas as manifestações das actividades publicas e particulares.

Em França, o Exercito tomou a iniciativa da regulamentação nacional da Educação Physica e o meio civil aceitou de boa vontade a tutella e subordinou á organização militar toda a Educação Physica da Nação; mas os responsaveis pela situação, reconhecendo que isto não é bastante, cogitam e batem-se pela criação de um orgão central, capaz de canalizar e harmonizar todas as iniciativas nacionaes na execução do grande problema — o Instituto Nacional de Educação Physica, a exemplo dos existentes em Stockholm e Gand.

Entre nós, onde não ha nada feito e onde o Exercito não tem interferencia na solução dos problemas nacionaes que interessam á defesa e vida do Paiz, o estudo do problema por elementos civis e militares conjunctos impõe-se de ha muito tempo e naturalmente teria evitado os trabalhos dispersivos e perdidos de muitos dedicados pelo assumpto.

Urge crear o espirito de continuidade e a unidade de doutrina, condições principaes do successo de qualquer emprehendimento. Um es-

tudo acurado dos diferentes métodos de educação physica existentes permitirá discernir as vantagens de cada um e as conveniencias delles ao nosso caso particular. Que adoptemos o metodo francez ou o sueco mas adoptemos um metodo unico e duradouro.

Mas em tudo isso «apressem-nos lentamente» como aconselhava Boileau em sua «Arte poetica». «Em materia de educação physica não é só questão de perder tempo, mas principalmente de fazer obra durável».

«Por mais valor que tenha o metodo pequena é a sua influencia neste assumpto e a qualidade dos instructores tem primazia sobre a do instrumento. Não se pode confiar, sem riscos de prejuizos, o apparelho de precisão, que é a machina humana, a mau operario. Não se pode ter a pretenção de formar taes artistas em alguns meses sem o risco de viciar os organismos». Taes são os termos do commandante Besnard, como censura á pequena duração dos estagios na Escola de Joinville.

Tudo isso reforça a necessidade que temos de formar os mestres de educação physica em cursos especializados e dirigidos por mestres consagrados, chamados até o nosso paiz ou lá mesmo nas escolas estrangeiras.

E que todos se convençam de uma vez por todas que é impossivel improvisar especialistas em educação physica sem os mestres, sem apparelhamento e sem a pratica de dois a tres annos nas escolas, como acontece na Suecia e na Belgica.

Não vá dahi concluir-se que devamos cruar fakirescamente os braços á espera dos mestres habeis. O trabalho intelligent e sedento de aperfeiçoamentos é, muito ao contrario, vantajoso e tanto mais quando orientado por espiritos honestos e de senso pratico desenvolvido.

Não se conseguirão todos os resultados que seriam alcançados por uma orientação experimizada porem ter-se-ha muito mais do que o zero apresentado pela inacção.

E' segundo tal eixo que os autores do Manual de Instrução Physica Militar fazem o seu esforço, na certeza de que, quando cá chegarem os mestres desejados, encontrarão estrada terraplenada onde correrá a machina da Educação Physica Nacional e terão para auxiliar os nossas experienças indígenas suficientemente documentada.

Subsídios para os quadros de reserva

(A nossa contribuição)

Os deveres primaciaes do oficial de reserva.

Tudo que emprehendemos, entre nós, sofre sempre o grande mal do abandono, da falta de continuidade. Dá-se o impulso inicial e, depois, deixa-se que a empresa marche, evolua por si só. Esta por sua vez, cessada a primeira impulsão, progride como pôde, arrastada apenas pela velocidade restante.

Neste caso está a instituição do oficialato de reserva. Estabelecido o regulamento respectivo, feitas algumas transferências de classe, instruídas que foram algumas turmas esparsas de candidatos, nada mais se fez. Nem mesmo um passo para se manter em dia os conhecimentos e aptidões práticas dos officiaes de reserva foi, ao menos, tentado.

Dahi a estagnação em que vivem os nossos officiaes de reserva, a falta de estímulo para novas turmas de candidatos e, principalmente, a ausência dos efeitos sociaes que se devem esperar da sua instituição.

**

Todavia um novo dia nasce. A iniciativa de alguns officiaes de carreira e a actividade de outros de reserva, notadamente da 2.ª Linha, põem novamente em foco a questão do recrutamento dos officiaes de reserva, sem dúvida o primeiro passo para que se venha a tratar do resto.

E' o momento, precisamente, de se pôr em acção os officiaes de reserva, no sentido de prestigiarem as actuações em curso. E é por isso, que nos lembramos de ressaltar agora os deveres primaciaes que lhes incumbem.

Um bom oficial de reserva deve cuidar, essencialmente, da efficiencia do quadro a que pertence, procurando aumentar cada vez mais o seu proprio grau de preparação militar, como o de seus camaradas; ainda mais, deve ser propagandista perseverante e intelligente da formação de novos officiaes de reserva.

Ao nosso vêr esses são os seus deveres primaciaes. E é relativamente facil cumpri-los. Basta que se não espere tudo do meio militar, que se tomem iniciativas individuaes, que se procure dar o exemplo.

Diligenciem os officiaes de reserva aliar-se aos da activa, assistir-lhes, na medida das possibilidades de cada um, às conferencias e aos trabalhos táticos em sala ou no campo e estudar-lhes as produções e, assim, cumprião o primeiro dos seus deveres e apesar da inércia de cima.

Insistam os officiaes de reserva em demonstrar a todos que para cidadãos de certa cultura, exercendo determinada actividade no meio civil, o tributo de sangue não pôde e não deve restringir-se á aquisição da simples carteira de reservista e desse modo terão cumprido o segundo dos seus deveres primaciaes.

1 — O QUE DEVE FAZER O COMMANDANTE DE UMA UNIDADE PARA PREPARAR A MARCHA

(R. S. C. n.º 117 a 119)

— *Itinerario.* — Estuda a carta; procura informações sobre as estradas, existentes na re-

gião que vai percorrer, tanto as que seguem a direcção da marcha, como as transversais, tendo em vista poder ligar-se com as columnas vizinhas; requisita guias, de preferencia arreiros, medicos rurais, estafetas do correio rural, bufarinheiros, etc., que, devido ao habito de viajar, são conhecedores da zona a percorrer.

— *Ponto inicial (P. I.) e Ponto de reunião.* — Manda reconhecer o ponto inicial ou o de reunião, designados pelo comando imediatamente superior, bem como o itinerario que lá vai ter; escolhe, se fôr preciso, um ponto inicial intermediário ou um de reunião particular para sua unidade, evitando qualquer movimento inutil. O ponto inicial deve ser de fácil acesso e não ter as circumvisinhanças inacessíveis, a exemplo das saídas de povoações, dos desfiladeiros e dos bosques.

O local de reunião, de modo semelhante, não deve ser escolhido sobre estradas em que possa ser prejudicada a circulação.

A reunião antes da marcha é o processo normal para a formação da columna nas companhias, baterias, esquadrões, grupos e batalhões; o processo de passagem pelo ponto inicial é mais apropriado ás unidades maiores.

— *Hora de partida.* — Verifica cuidadosamente a hora estabelecida pelo comando superior para a partida do estacionamento, passagem pelo ponto inicial ou reunião no local designado. Em função desta hora, da distância e do itinerario ao ponto inicial ou de reunião, designa a hora de passagem pelo ponto inicial intermediário ou da reunião particular de sua unidade. Tem sempre em vista que aumentará inutilmente a fadiga da tropa fazendo-lhe esperar em forma e de mochila ás costas ao em vez de marchar. Por isso a unidade deve entrar em forma muito pouco tempo antes da partida, bem como chegar ao local de reunião com antecedencia de alguns minutos sobre a hora designada para a reunião. Do mesmo modo deve não ser admissivel a chegada ao ponto inicial antes da hora designada para a passagem ahi e a consequente reunião em suas imediações. Toda parada ou todo movimento inuteis devem ser evitados.

Tempo necessário para percorrer distância inferior a 1.000 ms.

Dists.	Tempos	de acordo com as velocidades de:		
		72 m/m	80 m/m	90 m/m
	3600	4000	4500	5000
	a hora	a hora	a hora	a hora
100	1m 23s	1m 15s	1m 6s	1m
200	2m 46s	2m 30s	2m 12s	2m
300	4m 09s	3m 45s	3m 18s	3m
400	5m 32s	5m	4m 24s	4m
500	6m 55s	6m 15s	5m 30s	5m
600	8m 18s	7m 30s	6m 36s	6m
700	9m 41s	8m 45s	7m 42s	7m
800	11m 04s	10m	8m 48s	8m
900	12m 27s	11m 15s	9m 54s	9m
1000	13m 50s	12m 30s	11m	10m

Se por acaso uma unidade chegar ao ponto inicial ou ao de reunião antes da hora designada, deverá ensarilhar armas, desequipar e sair de forma para não se fatigar inutilmente.

No caso do commandante da unidade ter liberdade de escolha da hora da partida deverá considerar que entre nós a marcha é, em regra, muito fatigante de 11 hs. às 15 hs. e que portanto convém partir cedo, fazer alto durante as horas de maior calor e completar o percurso á tarde.

Alimentação. — Manda distribuir a refeição antes da partida, de modo que os homens façam a da manhã e levem consigo a do meio dia, caso não se disponha do carro cozinheira.

Ordem de movimento. — Redige a ordem de movimento para sua unidade, estabelecendo a ordem dos elementos na columna, para que todos se alternem nas diferentes colocações; fixa o lugar onde marcharão os T. C. e os T. E.; prevê, se fôr o caso, as medidas de segurança da columna e reparte pelos diferentes elementos as missões correspondentes a essas necessidades; determina os processos de ligação durante a marcha (emprego dos esclarecedores montados do R. I.); fixa as horas dos altos (pequenos altos, altos horários, grande alto); etc.

Quando as ordens chegam durante a noite só ha necessidade de transmiti-las imediatamente ás unidades que devam iniciar o movimento antes da hora que foi anteriormente designada para as unidades estarem em forma prompta para partir. Mesmo nesse caso só os commandantes de unidades devem tomar conhecimento do objectivo da marcha, das medidas de execução, etc. As disposições para a marcha são comunicadas ás companhias e trens logo depois da alvorada.

A ordem preparatoria e se possível a ordem de movimento pôdem ser comunicadas a todos os officiaes por occasião da partida ou do primeiro alto horário.

Essa medida deve ser observada com tanto maior rigor quanto mais necessário fôr o segredo das operações a realizar.

**

II — PRECEITOS SOBRE INTERROGATORIO DE PRISIONEIROS

- 1) Ha sempre vantagem em interrogal-os o mais cedo possível para que se tire partida de sua emoção e se evite combinação de respostas.
- 2) Deve-se começar perguntando duas ou tres coisas já tidas como certas para se avaliar do grau de sinceridade do interrogado; isso representará tambem um meio de controle contra os desertores que pôdem ser agentes do inimigo lançados com o fim de espalharem falsas ou tendenciosas notícias.
- 3) Em cada escalão só se deve pedir informações que se possam, com os proprios meios, verificar e explorar; ao passo que nos Regimentos só se deve perguntar sobre o inimigo que se tem em frente (armamento, equipamento, munições, localização de reservas, substituições etc.) e nas divisões sobre organização defensiva, dispositivo de marcha, dispositivo da Artilharia, etc.; no escalaõ Exercito é preciso ir muito além (serviços da retaguarda, depósitos no interior, situação geral militar, política e económica etc.)

- 4) Toda informação a explorar com urgencia deve ser transmittida imediatamente; como em geral os prisioneiros chegam por grupos mais ou menos numerosos é preciso trabalhar depressa.
- 5) Ao chegar um grupo de prisioneiros é preciso fazer-se quanto antes a triagem delles por categorias (officiaes, sargentos e graduados, soldados) afim de melhor orientar-se o interrogatorio de cada um.

**

III — OBSERVAÇÕES SOBRE A PASSAGEM DOS PRIMEIROS ELEMENTOS ENCARREGADOS DE PROTEGER A CONSTRUÇÃO DE PONTES

- Utilização de barcos:*
 - de preferencia não devem elles pertencer ao material da equipagem;
 - devem ter capacidade para 15 ou 20 homens;
 - quando se empregam varios typos: os mais leves devem atravessar a montante, os medios ao centro e os mais pesados a jusante;
 - se a construção da ponte já está em começo é preciso preserval-a de incidentes e o melhor meio para isso é fazer-se os embarques a jusante ou se a montante, fazel-los a uma grande distancia;
 - deve evitarse que os barqueiros sejam civis, pois, quasi sempre, estes se deixam dominar pelo medo;
 - se existe um afluente a montante do ponto de passagem ahi se poderão organizar as flotilhas de barcos destinados aos transportes de artilharia, cavallaria e viaturas de um modo geral.
- Utilização de jangadas:*
 - menos preferivel devido á incerteza do ponto em que aportarão (má direcção) e demora no regresso;
 - navegam com mais dificuldade e deixam as tropas mais expostas ao fogo;
 - apresentam a vantagem de permitir a passagem de maior numero de homens de cada vez e a de não irem a pique em consequencia do fogo inimigo.
- Hora de passagem:*
 - a melhor hora é a do clarear do dia; a escuridão occultará as ultimas disposições a tomar-se;
 - pôde-se, entretanto, transpor um curso d'agua á noite com exito.
- Execução da passagem:*
 - reduzir ao minimo o ruido com os barcos;
 - os homens entram por filas e se sentam — um a cada borda;
 - em caso de encalhe os homens desembaram e trabalham no desencalhe;
 - se ha cavallaria a passar, colloca-se em taboleiro sobre grandes barcos (balsa); os cavallos ficam normalmente ao comprimento dos barcos, as cabeças alternadamente para um e outro lado;
 - peças leves pôdem ser tambem transportadas sobre balsas desse genero;
 - a flotilha pode largar mesmo sob uma baragem de artilharia (os projectis pouco fazem sobre barcos navegando);
 - nas viagens de retorno pôde-se evacuar feridos; além destes e dos barqueiros a ninguem mais se permite voltar.

EXPEDIENTE

«Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores á das opiniões que emittirem em seus artigos» (art.º 7 dos Estatutos do Grupo Mantenedor).

REPRESENTAÇÃO COMMERCIAL

É nosso representante commercial o prezado patrício Snr. Cândido Viegas, chefe do serviço de propaganda da firma Silva Araujo e administrador do Hospital São Francisco de Assis.

HOMENAGEM INADIAVEL

Ao retomarmos a publicação mensal da nossa Revista, devemos tornar publico, ainda uma vez, o penhor de nossa gratidão a quantos trabalham na Papelaria Macedo, principalmente á sua direcção cuja assistencia aos interesses de «A Defesa Nacional» foi sempre incansavel, partilhando de todos os seus dias, claros ou sombrios, sempre com o mesmo entusiasmo e com a mesma fé.

As provas de confiança e apreço que nos tem sido dispensadas pela casa Macedo obrigam a essa homenagem que gostosamente nos apressamos em fazer.

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa administração prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á colaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Redactor-Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importâncias deve tratar-se com o *Redactor-Gerente* (se a remessa de valores fôr feita em vale postal — ao *Thezoreiro*);
- 3) As questões referentes a annuncios devem ser tratadas com o *Representante commercial* (endereço Cândido Viegas — Caixa Postal 1206);
- 4) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Redactor-Chefe*.

MUDOU A COR DA CAPA

Essa é a novidade mais importante. Lembramos aos nossos representantes e assignantes a necessidade, a urgencia de se fazerem a cobrança, pagamento e remessa das importâncias relativas ao semestre que se inicia, o mais cedo possivel. Sem isso nada poderemos fazer de estavel, permanente e útil.

EXPEDIÇÃO ESPECIAL

Remetemos o ultimo numero de «A Defesa Nacional» ás seguintes pessoas:
 Rosalina Coelho Lisboa Rademaker
 Maria Eugenio Celso
 Berta Lutz
 Heloisa Alberto Torres
 Miguel Calmon
 Carneiro Leão
 Coelho Netto
 Heitor Beltrão
 Rodrigo Octavio
 Oliveira Vianna
 Diniz Junior
 Assis Chateaubriand
 Muniz Barreto
 Pandiá Calogeras
 Moutinho Doria
 Everardo Backheuser
 Delgado de Carvalho
 Eloy Chaves
 Barbosa Lima Sobrinho e mais aos Snrs.
 Almirantes José Maria Penido e Pinto da Luz.

PAGAMENTO PONTUAL E ADEANTADO

Para ser-nos possivel restabelecer a pontualidade na distribuição de «A Defesa Nacional» torna-se estritamente necessário que nossos prezados assignantes PAGUEM PONTUAL E ADIANTADAMENTE as suas assignaturas semestrais.

AOS REPRESENTANTES

Pedimos encarecidamente aos nossos representantes o obsequio de nos comunicar a transferencia dos assignantes, designando o novo local onde vão servir e bem assim devolver-nos os exemplares que para elles tivermos enviado, correndo por nossa conta as despezas postaes.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Semestre	98000
Anno	188000

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Página	300\$000
1/2 Página	150\$000

FOLHAS INTERNAS

1 Página	100\$000
1/2 Página	60\$000
1/4 Página	35\$000

CAPA POSTERIOR

1 Página	180\$000
1/2 Página	100\$000
1/4 Página	60\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado	120\$000
Impressão dos dois lados	150\$000

SALGADO GUIMARÃES & CIA.

Fornecimentos militares — Fazendas por atacado
Sirgueiros, Corrieiros, Arrieiros.

Grandes Officinas de Typographia, Lithographia,
Encadernação, Pautação, Timbragem, etc.

Papelaria, Objectos para escriptorio, Livros para escripturação,
Artigos para desenho.

26, Rua da Quitanda, 26

Telephone Central 4364

RIO DE JANEIRO



NEURASTHENIA
Contra todas as manifestações
Neuro-Sôro
Silva Araujo
BASE: Glycerophosphato de Sodio
e Strychnina - Cocodylato.

Historia Militar do Brasil

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8.^o com 600 pgs. de texto em composição compacta e grande numero de mappas a cores fóra do texto

PREÇO : { em broc. 12\$000
(livre de porte) { encader. 15\$000

Livraria Francisco Alves

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — R. do Ouvidor, 166

São Paulo — R. Libero Badaró, 129

Bello Horizonte — R. da Bahia, 1055

Typographia IDEAL

M. Marques da Silva

Rua Theophilo Ottoni, 165

Teleph. Norte 4664

Trabalhos commerciaes,

Impressão de luxo, etc.